O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — Manuel Firmino d'Almeida Maia, Barbosa de Magalhães, J. E. d'Almeida Vilhena, Augusto Ribeiro, Marques Gomes, Alves d'Azevedo, Francisco de Magalhães, e Firmino de Vilhena

ANNO XLV

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 27 DE JULHO DE 1895

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:488

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—O governo e o povo.—Lição severa.—Resultados da dictadura.—Ainda o relatorio de fazenda.—Exemplos.—Lealdade... revoltante.—Anniversario.—O serviço militar em Leiria.—Nobilissimo.—Carta politica.—Noticiario.—A ordem em Varsovia.—24 de julho.—Os tumultos em Borba: agitação geral no alto do Alemtejo: a onda cresce.—Accordão Commercial.—Homens illustres.—Vinte e cinco de julho.—Folhetim: Magdalena.—Cartas—Pelo estrangeiro.—Communicados.—Secção agricola.—Parte litteraria.—Carta de Lisboa.—Carta de Coimbra.—Noticias do estrangeiro.

AVEIRO

O governo e o povo

Nunca a dignidade do poder desceu tão baixo.

O descredito, a deshonra, que cahiu como um anathema sobre o bom nome portuguez, já não ha agua que os lave. E' a nodoa aviltante, o escarneo sangrento, que peza sobre nós, aos olhos dos estranhos, com todo o pezo d'uma grande fatalidade, com todos os rigores de uma enorme humilhação.

O governo fez do poder uma sinecura, e do prestigio da auctoridade um joguete de interesses pessoaes. Derrubou pela base a estatua da justiça, e destruiu a liberdade a golpes de punhal.

Já não ha lei. Vão no torbilhão das desgraças que nos envolvem, o decoro, que se arrasta pela lama das humilhações, e a dignidade, que se rasteja pelos caminhos da amargura e do desdouro.

A liberdade de imprensa, o direito de reunião, as garantias constitucionaes, todos os bons principios fundamentaes do direito, os esmagou o governo d'um só golpe.

Investe depois com a autonomia dos povos, o mais sagrado de todos os seus direitos, e manda dizer-lhes que cobrirá de bayonetas as ruas e praças publicas, se a nação se levantar n'uma eloquente explosão de protestos contra os verdugos que tentam estrangular-lhe a existencia suffocando o grito da alma nacional.

Ameaça-nos, o governo; ameaçam-nos os heroes do tractado que entregou á Grã-Bretanha as melhores perolas da nossa corôa de alem-mar, e que apagou do mappa portuguez os melhores traços das nossas gloriosas tradicções historicas, em nome da monarchia em perigo, em nome dos interesses d'uma facção, que se constituiu n'um perigo iminente para a patria!

Já não recorda, ao ministro do reino, o tempo em que animava a desordem pelos clubs republicanos, nem aos collegas que em 11 de janeiro de 90 ameaçavam escalar pelo ataque o paço de Belem.

Tudo isso lá vae já, o patriotismo, que nascera da lama d'um facciosismo ignobil para levar uma vida de vinganças e de attentados em tres longos annos de existencia; o brio expandido em manifestações baratas, para lograr viver-se no monturo da politica de corrilho, n'essa devassidão permanente, que só tem egualdade nas viellas esconsas da nova Londres repellente.

E os homens que fallavam em derribar a corôa, e atraiçoavam e vendiam depois a patria ás cubiçosas harpias do Tamisa, decretam a morte da liberdade e o esphacelamento da constituição em nome da estabilidade do throno, que ninguem atacou ainda, mas que de facto se divorcia cada vez mais do verdadeiro affecto popular!

E' até onde póde chegar a sem vergonha dos homens e a fatalidade das coisas! Suprema irrisão da sorte e do destino!

Mas descancem, descancem que a indignação popular ha de vingar tantas affrontas, quando de todo se lhe esgotar a paciencia, e á obra que se propozeram edificar no poder, responderá altivamente com a lição que aprendeu na escola de 93.

Lição severa

Uma severa e merecida lição aos governantes, que se permittiram o direito de esmagar a constituição uzurpando attribuições que não tinham e investindo audaciosamente com a opinião liberal, é decerto o notavel documento que o nobre par, sr. dr. Marçal Pacheco, acaba de dirigir ao presidente da camara, de que é distincto membro, e que abaixo publicamos.

E' d'um verdadeiro patriota, d'um verdadeiro portuguez, o sentimento nobilissimo que o ditou.

Espirito liberal, liberal convicto, a cujo animo repugnam as scenas de vergonha e de deshonra a que o governo não tem poupado ninguem n'este paiz, o illustre par lavra um protesto honrado e firme contra ellas, que é como um pregão de guerra, que é como um brado de justiça no meio d'este profundo pelago de injustiças e de attentados ás leis e ás franquias populares. E' um punhado de verdades, atiradas como um supremo desforço ás faces envilecidas dos modernos cabraes da situação. E' o écco da opinião indignada. E' a voz da consciencia e do sentir da nação inteira.

A sua leitura ha-de por certo causar, em toda a parte onde chegue, uma profunda impressão. Por isso o transcrevemos, e para elle chamamos a attenção dos que nos lêem:

Ill.mo e ex.mo sr. — Tenho a honra de accusar a recepção do officio de v. ex.a, em data de dois do corrente, no qual v. ex.a me convida a comparecer depois de ámanhã, quinta-feira, na sala das sessões da camara dos dignos pares, para o fim de proceder-se ao julgamento da accusação intentada contra o digno par João José Mendonça Cortez, e para resolver sobre a procedencia ou improcedencia do processo instaurado contra o digno par Francisco Simões Margiochi, devendo eu, segundo v. ex.a se digna informar-me, enviar a v. ex.a escusa fundada em legitima causa, na hypothese de não poder comparecer á indicada sessão.

Em resposta a este officio, cumpre-me participar a v. ex.a que não tenciono comparecer á sessão para o qual v. ex.a se dignou convidar-me, e que os motivos que justificam a minha escusa são fundados em causa legitima, e mais do que legitima, em causa de força invencivel, como em breves termos exporei a v. ex.a.

O julgamento dos pares do reino era attribuição exclusiva da camara da digna presidencia de v. ex.a, não porque v. ex.a o tivesse determinado ou o tivesse permittido o poder executivo, mas sim porque essa attribuição lhe era expressamente conferida pelo artigo 41.° § 1.° da Carta Constitucional da nação portugueza. Na vigencia da Carta e vigorando as suas disposições, nas quaes estava inequivocamente estabelecido o regimen representativo, não era licito duvidar da verdade d'esta doutrina, e, portanto, se eu annuisse ao convite de v. ex.a, não haveria da minha parte senão o cumprimento fiel do meu dever e tambem o uso legitimo do meu direito. Mas se a Carta Constitucional e o regimen representativo, n'ella estabelecido, estão de facto suspensos e, não sei se diga, supprimidos, não posso descobrir os principios de direito publico ou as razões de competencia juridica em que poderá fundar-se a camara dos dignos pares, e muito menos em que eu, o mais humilde dos seus membros, poderia fundar-me para julgar, como tribunal de justiça, dos delictos ou suppostos delictos das pessoas que a compõem. Se essa competencia se deriva exclusivamente de uma das disposições organicas do regimen representativo, e se, na realidade, esse regimen está suspenso, supprimido, ou melhor ainda, *encerrado*, como se diz modernamente, é obvio e intuitivo que não existe fundamento serio em que eu possa apoiar-me para assumir, como par do reino, uma funcção que, de facto, me não pertence. E nem se diga que a larga e longa serie de actos illegaes e inconstitucionaes que ahi se teem praticado não obsta á vigencia do regimen representativo, pela razão, tão frequente como impropriamente allegada, de que sempre e em todos os tempos tem havido dictaduras, e que todos os anteriores governos as teem praticado, sem que por esse motivo aquelle regimen tenha deixado de subsistir. Não é assim. Dictaduras é certo que as tem havido sempre e em todos os tempos entre nós, coexistindo com ellas o regimen representativo e quasi que d'elle fazendo parte integrante por abuso dos governos o cumplicidade das côrtes. Mas essas dictaduras, que até agora consistiam sómente na usurpação de algumas das attribuições do poder legislativo, tinham em si mesmo e na sua propria natureza o seu natural coefficiente de correcção, pois que, reunidas nos prasos e dentro dos prasos marcados na Constituição do Estado, logo as côrtes poderiam prover de remedio ao que porventura o poder executivo tivesse praticado de prejudicial aos interesses nacionaes, ou em detrimento dos direitos particulares.

O que ahi se tem feito, porém, ha alguns mezes e impunemente, já não é a simples e consuetudinaria usurpação transitoria de uma parte das attribuições das côrtes geraes do paiz. E' a suspensão indefinida, o encerramento revoltoso e revolucionario das mesmas côrtes, e consequentemente, a destruição do regimen da Carta, o qual de monarchico, hereditario e representativo, que era, passou d'este modo a ser, se alguma cousa é, monarchico e hereditario apenas. A differença é capital. N'estas condições e se, como cidadão e por não ter a necessaria força material para fazer valer o meu legitimo direito de revolta e de insurreição, eu posso sujeitar-me a quaesquer rescriptos arbitrarios, que não respeitam as leis do paiz no que ellas teem de mais fundamentalmente constitucional, e se, como funccionario publico e como empregado do poder executivo me cumpre atacar as suas resoluções sem as criticar ou discutir sequer em obediencia ao principio da hierarchia administrativa, que é a base de todas as sociedades disciplinadas, e portanto, civilisadas, outro tanto me não succede como par do reino que sou, isto é, como membro de um corpo politico, ao qual, pelo pacto organico da nação, compete velar na guarda das suas disposições, C. C., art. 15.° § 7.°. N'esta qualidade, embora nominal apenas, e visto ser n'esta qualidade que v. ex.a se dignou officiar-me, declaro categorica e firmemente que não obedeço, e não quero obedecer, ao decreto de 25 do mez passado em conformidade com o qual foi auctorisada a reunião da camara dos dignos pares para que sou convidado. A Carta Constitucional ou se cumpre e se faz cumprir no seu essencial teor e conteudo, e, sendo assim, constitue o codigo politico do paiz, codigo que a todos obriga, de alto para baixo e de baixo para cima, ou sómente se cumpre e se faz cumprir a retalho e a pedaços, ao sabor das conveniencias de quem quer que seja e, n'este caso, é um documento sem valor e sem sentido no culto do direito, não tendo por isso outra força obrigatoria senão aquella que queira dar ou attribuir o espirito de parceria politica ou o facciosismo do compadrio partidario.

Se o poder executivo se considerou competente para supprimir as côrtes geraes do reino, contra o que dispõem a lettra e o espirito da Carta Constitucional; se os ministros se julgaram habilitados para, na falta das côrtes, decretar e arrecadar os impostos ordinarios e os tributos de sangue; e por ultimo, e para não dizer mais, se o governo não hesitou em alterar o direito penal e as unidades comarcãs e concelhias, em reformar a seu talante as instituições eleitoraes e as respectivas circumscripções, e em instituir e adjudicar monopolios financeiros e economicos — hypocrisia refalsada será que o mesmo poder se não considere competente para julgar da simples accusação de um digno par e da procedencia ou improcedencia do processo movido contra um outro.

O governo, que a si mesmo se tem decretado dictador *de omni re scibili*, que me substitua, pois, na minha funcção de julgador, e que por mim vote a absolvição ou a condemnação dos meus collegas, assim como por mim votou e approvou já, sem minha delegação e sem consentimento meu, as leis tributarias e as penaes, as das circumscripções comarcãs e as do suffragio eleitoral, as da instrucção publica e as dos monopolios economicos e financeiros.

Fôra modestia inexplicavel e contrasenso desmarcado que a dictadura, omnipotente e omnimoda, recuasse espavorida e timida, diante de assumpto minimo e de tão desvaliosa importancia. Resta-me accrescentar que, formulando estas breves considerações justificativas da minha falta de comparencia, não me anima nenhum intuito de censurar o procedimento de v. ex.a, por quem professo o meu maior respeito e a quem tributo toda a minha consideração.

O meu proposito unico, creio tel-o conseguido, é deixar bem expresso que na minha qualidade, embora nominal, de par do reino, que sou, por graça da nomeação do rei, por graça do illustrado estadista que referendou essa nomeação, e tambem, para dizer toda a verdade, por minha graça propria, não posso, não quero e não estou disposto a prestar obediencia senão á constituição do reino e ás leis ordinarias do paiz, e nunca a quaesquer caprichos arbitrarios que, n'um dia, suspendem *por encerramento*, o regimen representativo da nação, para o fazerem reviver, opportunamente, quando muito bem lhes apraz á mercê de conveniencias partidarias ou de velleidade cezarianas.

Deus guarde a v. ex.a — Ill.mo e ex.mo sr. conselheiro Luiz Frederico Bivar Gomes da Costa, digno presidente da camara dos dignos pares.

Lisboa, 23 de julho de 1895.—O par do reino—*Marçal de Azevedo Pacheco.*

Resultados da dictadura

Desde que o governo entendeu poder presidir fóra da lei aos distinos do paiz, o vice-rei de Lourenço Marques assumiu por si eguaes direitos.

Deliberou, portanto, supprimir a imprensa portugueza n'aquella possessão ultramarina, e porque tambem alli impera a acção nefasta da dictadura odiosa em que temos vivido, não ha quem responda ás troças e aos aggravos das folhas inglezas, que por sua vez e a seu arbitrio dizem de nós o que querem sem receio de contradicção.

Assim, diz o *Johanisburg Star* que o *sr. Ennes de Lourenço Marques* nos envia telegrammas que não são exactos, porque está averiguado não ter havido batalha com a gente do Mahazuli, e que os pormenores d'esse combate e sua victoria não passam de invenções sem existencia. Sobre a campanha contra o Gungunhama, diz que este só poderá ser derrotado..., nos sectarios do sr. Ennes.

Outros exclamam: «Que zombaria! Tudo fabricado. Não houve victoria nenhuma. As tropas permanecem nas barracas. Cerca de 150 homens portuguezes chegaram ao rio Incomati e depois retiraram, mas nem viram o inimigo, e apesar d'isso muitos portuguezes ficaram perdidos, não pelas balas inimigas mas pelas privações e febres. Muitos tiveram que ser levados em carros e macas para o hospital, e pelo que respeita ao resto, nunca se viu tropa em tão desgraçado estado. Onde está então a grande victoria? Os telegrammas do sr. Ennes não dão noticia de lhe ter sido tomada pelos pretos uma lancha com armas e munições, que era rebocada no Incomati, não ha muitos dias. O rebocador retirou a toda a pressa, logo que lhe fizeram fogo, deixando abandonada e encalhada a lancha. Tambem não se falla d'uma rixa entre as tropas portuguezas na Matalla, sendo mortos alguns 14 homens. Foi necessario accudirem forças de Lourenço Marques para se poder socegar a desordem.»

Outros ainda chamam ao commissario *Barão de Munchausen*, e crivam a sua individualidade de ridiculo.

Francamente, isto é vergonhoso.

Ainda o relatorio de fazenda

Bem o dissemos nós aqui, por occasião do apparecimento d'essa coisa a que o governo mandou dar o nome de relatorio de fazenda. A verdadeira apologia havia de fazel-a na opportunidade a imprensa estrangeira.

Os jornaes lá de fóra já vão dizendo a quem quer lêl-os que o apregoado rendimento alfandegario é devido na sua grande parte á importação de cereaes. Claro que, emquanto sobe o rendimento da importação, que é o da alfandega, vae subindo tambem a necessidade d'ella, e portanto descendo a producção nacional.

Pelas meritorias obras do governo, que hão de marcar na historia um periodo de maravilhas administrativas, como não ha exemplo de coisas que se lhe comparem, a emigração tem augmentado 100 0|0 n'estes tres ultimos annos. E' o unico genero que ainda exportamos: o genero humano.

D'ahi, a enorme carestia de braços para o trabalho dos campos, que não produzem, e a necessidade de ir buscar fóra o que podiamos ter em casa com abundancia.

E o governo canta victorias porque o rendimento alfandegario sóbe! Tristes victorias estas!

Ponha o paiz aqui os olhos.

Exemplos

Fez 62 annos na quarta-feira ultima que o valoroso duque da Terceira entrava o Tejo, á frente das tropas liberaes, depois d'uma lucta de annos, que custou sangue, mas de que a justiça triumphou, aniquilando o governo odioso que, como o actual, começara por dissolver as côrtes e se preparava para levar mais longe os seus furores liberticidas.

Além d'esse glorioso anniversario, fez tambem 72 annos que houve um pronunciamento em Lisboa; 68 que, tambem em Lisboa, se deu outro movimento popular, cuja orientação democratica Saldanha a custo suffocou; e 39 que foram declarados livres em Portugal os filhos dos escravos.

Quem pensaria então, que tão pouco tempo depois os governantes de 95 haviam de assassinar a liberdade tornando escravo o povo então liberto pelo pulso valoroso dos heroes de 33!

Como então, é preciso agora que o povo se desaffronte do feroz despotismo que ahi campeia no poder. Os memoraveis feitos que aquellas datas marcam, são como um exemplo a seguir.

LEALDADE... REVOLTANTE

Os jornaes do Porto, que não tiveram uma sensura para o acto insolito praticado na Escola Medica d'aquella cidade pelo professor Ricardo Jorge, reprovando por vingança pessoal um alumno distincto, publicam hoje, em telegramma da capital, a seguinte noticia:

Vem ámanhã no «Diario» o accordão do conselho da escola medico-cirurgica do Porto, referente ao processo de policia academica instaurado contra o alumno Francisco Augusto Regalla, que, no dia 25 do mez passado, esperou á saida dos actos de pathologia geral, em que ficara reprovado, o professor sr. dr. Ricardo Jorge, e o aggrediu, ferindo-o ligeiramente. O accordão diz que a aggressão foi a falsa fé, e considerando a infracção disciplinar prevista e punivel segundo o regulamento de policia academica de 25 de novembro de 1839, julga o mencionado alumno incurso no disposto da alinea 2.a do § 2.° do artigo 3.° do mesmo regulamento, condemnando-o a exclusão dos cursos da escola medica por espaço de dois annos.

Os jornaes do Porto, que subscreveram ao empenho do lente sem escrupulos para calarem o caso anomalo e brutal que praticou com offensa da lei porque se rege a escola e da dignidade do proprio cargo, são d'uma perfeita lealdade assim. Era de esperar, vis to esconderem o feito nobre do heroe.

De resto, a publicação no *Diario* do citado accordão, é mera formalidade. Nada influe no futuro do estudante, felizmente.

Contra o que desde já protestamos, é contra a affirmação da *falsa fé* apregoada. O accordão mente. A aggressão deu-se com dignidade; o professor é que não teve a coragem nem o brio precisos para defender-se.

Fallaremos mais de espaço.

ANNIVERSARIO

Fez ante-hontem 756 annos que Affonso Henriques, o rei conquistador, ganhou a batalha de Campo de Ourique, firmando assim a independencia de Portugal, que os heroes de hoje, os governantes do sr. D. Carlos, abo liram do systema constitucional porque nos regemos.

O serviço militar em Leiria

O *Illustrado* publicava hontem o seguinte, em guisa de telegramma:

Leiria, 25, ás 5 horas e 56 m. da tarde.—Ao «Diario Illustrado» Lisboa.—E' falso o que noticia o «Seculo» e o «Correio da Noite». O governador civil não pediu, nem pede favor algum a junta de inspecção d'aqui. «Já em 1894 fez o mesmo»: não pediu por um unico recruta, não auctorisou qualquer pessoa a prometter isenções. Não pretendeu nomear medico civil; pelo contrario, recusou-se a fazel-o, interrompendo-se no sabbado a junta, por querer aguardar a vinda do cirurgião militar. Tudo falso e calumnioso.

Falso é precisamente o que o *Illustrado* affirma. Pois porque se transferiu o medico que se não prestou á pretendida infamia da auctoridade?

«Já em 1894 fez o mesmo», diz o *Illustrado*. Esta informação é preciosa. Quer dizer, positivamente, que já no anno anterior o serviço militar em Leiria, que importa uma contribuição de sangue, foi o que o governo pretendeu que fosse para salvar das correias a rapaziada amiga.

Que santa gente, a do governo!

Nobilissimo

N'um processo de revisão de sentença pedida por um réu, que invocava o decreto de 27 de fevereiro de 1895 ao Supremo Tribunal de Justiça, dois membros d'aquelle tribunal apresentaram como questão prévia a seguinte declaração:

Sendo o poder judicial independente (artigo 119 da Carta Constitucional);

sendo da competencia dos juizes applicar a lei (mesmo artigo);

não devendo o poder judicial reconhécer outra coisa senão a lei e a sua consciencia, como diz Rossi; recahindo o poder legislativo nas côrtes com a sanção do rei (artigo 73 e 15 § 6.° da Carta Constitucional);

é evidente que os decretos do poder executivo, sem approvação das côrtes, não são lei, e portanto o decreto dictatorial de 27 de fevereiro de 1893 não tem força de lei.

Nobilissimo. Se em todos os tribunaes do paiz se procedesse egualmente, com a mesma independencia e tão notavel altivez de caracter, o que seria a magistratura portugueza!

CARTA POLITICA

LISBOA 26 DE JULHO DE 1895.

A questão politica, agita-se agora um pouco mais. O povo vae comprehendendo que tem no governo o seu *melhor amigo*. Para sentir é que as suas medidas de reforma territorial não vem todas ao mesmo tempo. O instincto da propria conservação leva-o ao caminho menos arido. A reforma vae apparecendo, mas em dóses limitadas. Se todas apparecessem ao mesmo tempo, a conflagração seria immediata e imponente. Assim, aquelles a quem se uzurpam direitos e regalias, vão-se accommodando, e o governo conseguirá quanto quizer:—poderá mesmo destruir materialmente o paiz se isso lhe aprouver. Moralmente vae-o elle derruindo; materialmente é questão de tempo. O que tem graça no meio de tudo isto, são as representações ao Rei. E ainda ha pacobios que se cançam em procurar para a resolução d'assumptos graves o chefe do Estado! As taes commissões de vigilancia fariam melhor se procurassem empenhos valiosos para o ministro do reino, que é o grande factor das deslocações que se estão operando.

Representações ao Rei! Tem graça. Ha um meio unico de evitar o mal. E' a combinação immediata de todas as circumscripções ameaçadas, no sentido de se opporem *por todas as formas* e desde já á derrocada que se lhes prepara. E não se illudam os que suppõem que a protecção que se lhe promette produza o effeito desejado. Podem ser bons os desejos dos que lhe promettem o seu auxilio, dos que lhe affirmam a sua protecção; mas esta é certo não pode ser tão effectiva que os poupe á fatalidade do golpe.

A acção do governo obedece a um pensamento que ha-de emfim realisar-se, *custe o que custar*. Meio a oppor ao proposito do governo, não ha senão um —a resistencia unanime e geral de todas as povoações ameaçadas, mas a resistencia por todos os meios e por todas as formas. Se não se apressam a proceder assim, as consequencias são a destruição de todos os direitos populares, de todas as commodidades publicas, de velhos foros, de regalias que em todos os tempos foram respeitadas.

N'esse districto estão ameaçados a Mealhada, Oliveira do Bairro, Vagos, Ilhavo, Cambra, Sever e Paiva. E não creia Albergaria nas immunidades que a recommendam ao favor do governo. Tudo cahirá ao impulso do famoso ministro, cujos odios são implacaveis, cujo sestro é a destruição de todo o existente. Fiem-se na *virgem* e esperem-lhe as consequencias. Importa notar, no meio de tudo isto, a sanha do ministro do reino contra tudo o que representa a influencia bem merecida do honrado conde de Castello de Paiva, a quem o *petit* Pombal voton odio politico feroz e implacavel—odio que afinal não vingará em todos os seus propositos, porque afinal, a justificada influencia do illustre homem politico não é d'aquellas que se destroem facilmente, e uma epoca que não vem longe provará ao illuso ministro, que os seus calculos lhe falham, que elles se lhe derrúem pela base.

— A situação do ministro da marinha continúa muito compromettedora. Não ha esforço que elle não faça para se conservar no poder, mas a guerra, em grande parte, vê-n-lhe dos proprios collegas, que não desistem da sua deposição. E' questão de dias.

W.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Passou na estação do caminho de ferro d'esta cidade, para a sua casa da Carregosa, o sr. Bispo Conde, venerando prelado d'esta diocese.

— Está em Aveiro, o sr. Luiz da Silva Mello Guimarães.

— Tendo de fazer parte do jury dos exames da escola industrial da Figueira da Foz, partiu para aquella cidade o nosso amigo, sr. Francisco Augusto da Silva Rocha, habil professor da escola industrial d'Aveiro.

— Partiu para o Porto com sua ex.ma esposa, o digno presidente da camara de Estarreja, sr. dr. José Maria d'Abreu Freire.

— Foi passar alguns dias á Fontinha, de visita á familia do sr. Francisco Barboza Sotto-Maior, a sr.a D. Felicidade Melicio, da quinta da Boa-Vista, d'esta cidade.

— Regressou já de S. Pedro do Sul á sua casa de Agueda, o sr. Bernardo Maria da Silva, escrivão de fazenda d'este concelho.

— Está já quasi completamente restabelecido do incommodo que tem soffrido n'estes ultimos dias, o nosso presado amigo e digno escrivão e tabellião n'esta comarca, sr. Silverio de Magalhães.

— Tem estado com a *influenza*, o sr. Julio Breda de Mello, digno secretario da administração do concelho de Agueda.

— Regressaram de Luzo o sr. Francisco da Silva Ribeiro, digno director das obras publicas d'este districto, e sua familia.

— Está de cama, com uma erisipella na cara, a sr.a D. Laura Regalla de Mendonça, virtuosa esposa do nosso amigo, sr. João Mendonça.

Distincção.—Entre os poucos alumnos da Universidade de Coimbra que no corrente anno alcançaram a classificação de distincto, a faculdade de direito, reunida em congregação final, na quinta-feira ultima, incluiu o nosso sympathico amigo e collaborador, sr. José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, filho primogenito do brilhante parlamentar e vigoroso causidico, sr. dr. Barbosa de Magalhães.

Felicitamol-os cordealmente e a todos os seus.

Distincção academica.—O sr. José Carlos de Barros, que frequenta o 3.° anno mathematico, na Universidade, foi este anno premiado com uma distincção. O illustre filho da Figueira é, sem contestação, um dos estudantes mais distinctos que frequentam actualmente as aulas universitarias. Talentoso, applicado, grave e pundonoroso, o illustrado academico tem diante de si um largo e brilhante futuro.

A seu respeitavel pae, enviamos d'aqui os nossos mais affectuosos parabens.

Classificação merecida.—Obteve tambem, no concurso para delegado do procurador regio, uma das melhores classificações 1 MB e 1 B, o nosso estimavel amigo, sr. dr. João Marques Vidal, habil advogado nos auditorios da comarca d'Agueda. No de conservador, obteve a classificação de 5 B. As nossas felicitações.

Exemplar comportamento. — Foram condecorados, com a medalha de prata, por comportamento exemplar, o tenente de cavallaria 10, sr. Joaquim d'Oliveira Valente, e com a de cobre o 2.° sargento do mesmo regimento, sr. Alberto Cardoso Figueira.

Delegação de fazenda.—Está já installada em Espinho a repartição delegada da fazenda d'este districto, tendo alli ido, para esse effeito, no domingo ultimo o sr. Miguel de Araujo, activo delegado do thesouro.

O Santo Padre e o sr. Bispo Conde.—Sua Santidade mandou agradecer, nos termos que se lêem na carta, que em seguida publicamos, a offerta que lhe fez o sr. Bispo Conde do discurso pronunciado no Congresso catholico, que se reuniu ultimamente em Lisboa:

«*Ex.mo e rev.mo sr.* — O Santissimo Padre recebeu com agrado e reconhecimento a obsequiosissima carta de v. ex.a com o discurso ha pouco recitado no Congresso Catholico de Lisboa. N'ella não só mais uma vez reconheceu os sentimentos de dedicação de v. ex.a para com a Sé Apostolica, mas tambem viu o empenho com que procuraes a realisação dos ensinamentos e desejos da mesma Santa Sé. O Summo Pontifice quer que seja testemunho da sua benevolencia a benção apostolica, que com muito affecto concede a v. ex.a e a todo o seu rebanho. Recebam tambem v. ex.a os meus agradecimentos pela offerta do referido discurso e juntamente a affirmação da minha sincera estima. — Roma, 14 de julho de 1895. — Rev.mo sr. D. Manuel Correia, Bispo de Coimbra.

De v. ex.a muito dedicado. — *M. Card. de Rampolla.*»

Desamortisação.— No dia 19 d'agosto proximo, arrematam-se no governo civil d'este districto 44 fóros; pertencentes á Irmandade do Santissimo e Almas do concelho d'Ilhavo, e impostos em bens sitos n'este concelho e no d'Aveiro; e um fôro pertencente ao passal do parocho da freguezia de S. João de Ver, e imposto em bens do concelho da Feira.

Desastre.—Na quinta feira ultima, quando voltava para o Cojo um carro conduzindo differentes pessoas que vinham de S. Thomé de Mira e se dirigiam para a Murtoza, succedeu tombar, estabelecendo-se grande confusão e resultando ficarem cinco pessoas feridas, felizmente sem gravidade.

Os srs. cocheiros precisam de uma ensinadella mestra. Ha por ahi alguns que não sabem coisa nenhuma do officio, e por isso são frequentes os sustos dos que tem de passar por elles. Com vista á nossa policia.

«A Provincia».—Ha muitos dias que não recebemos este estimavel collega portuense. Com vista á sua administração.

Trabalho de pesca.—O mar tem continuado a permittir o trabalho, produzindo excellente sardinha, que no mercado tem tido o preço de 1$300 reis o milheiro.

Effeitos do calor.—Um boi que trabalhava na costa de S. Jacintho, foi hontem alli fulminado por uma congestão, quando com o companheiro exercia o seu mister de puchar á corda. O boi estava bastante nutrido, e o calor era tão intenso mesmo á beira do mar, que o boi cahiu asphixiado por elle.

Producção extraordinaria.—Em S. Bernardo, logar proximo pertencente a uma das freguezias da cidade, ha uma terra onde se encontra um pé de milho com 24 espigas, 12 das quaes estão já completamente creadas. E' simplesmente extraordinario.

Tempo.—Contra as prophecias dos variados *saragoçanos* que ultimamente teem apparecido na imprensa, o tempo tem corrido magnificamente por aqui. Apenas umas neblinas passageiras nos escondem por vezes os alegres sorrisos do sol e do azul, que voltam pouco depois a apparecer em toda a sua expleudida formosura.

Nova praça de touros.—Diz o *Jornal de Estarreja* constar-lhe que quatro proprietarios de Aveiro, vão sollicitar licença da camara para mandarem construir uma praça de touros no Santo Amaro, e que até já teem em deposito 400$000 reis, esperando mais subscriptores.

Variola.— Tem havido em Pardilhó, concelho de Estarreja, alguns casos de variola.

Caldo que queima.—Christina Brinco, uma pobre rapariga de 10 annos, d'Agueda, entornou ha dias sobre si a taça de caldo que se preparava para comer, queimando-se horrorosamente n'um braço, que lhe ficou immediatamente em carne viva.

Homem ou peixe?—Dizem agora de Estarreja que é falsa a noticia do assassinato do sr. Bernardo Fardilha ao norte da costa da Torreira; parece que chamaram cadaver humano aos restos d'um grande peixe que alli fôra esquartejado.

Cento e tres annos.—Completou ha dias 103 annos, a sr.a D. Maria Candida de Faria Pinto Macieira Dão, irmã do sr. Antonio Cardoso Pinto, que foi o fundador da *Revolução de Setembro*. Esta senhora, que reside em Mangualde, ainda lê, escreve e cose sem auxilio de oculos, e a sua conversa, sempre alegre, indica uma completa lucidez de espirito.

Assassinio. — Escrevem-nos de Ponte da Barca, em 25.—Dentro d'um barco no Rio Lima, em Aldeia Nova, foi assassinado barbaramente por tres individuos um homem de Lindoso, que regressava de Lisboa, onde fôra visitar a familia. Os assassinos foram de tal crueldade, que chegaram a arrancar os intestinos á victima, que depois foi lançada no rio. Uma creança, que de longe presenceára o barbaro crime, declarou os nomes dos scelerados, os quaes já se encontram recolhidos na cadeia.

Noticias de Agueda.—Conta a *Soberonia do Povo* que o sr. Bernardino Joaquim d'Almeida, d'Ois da Ribeira, foi dar a semana passada com uma cobra-monstro a mamar em uma porca que tinha no curral com leitões nascidos de ha pouco. Como a cobra fosse enorme, o sr. Almeida temeu-a e chamou alguns visinhos que lh'a ajudaram a matar.

— Maria da Conceição, viuva, do logar da Serra, foi lavar roupa no rio Zezere, no Valle dos moleiros, acompanhada por uma filha de 4 para 5 annos. A creança cahiu ao rio e a mãe, para a salvar, precipitou-se na agua. Morreram ambas. A desgraçada deixa mais 6 filhos todos menores.

Noticias da Mealhada.—Temos aqui no proximo domingo os costumados festejos da Senhora Sant'Anna, que terão bastante brilhantismo. Segundo o costume, tambem haverá duas bellas corridas de touros, de que é emprezario o sr. Manuel Freire, d'Aveiro, que promette apresentar-nos bom gado e melhores artistas.

— Na estancia thermal de Luzo estão muitas familias, passando-se bem alli o tempo, pois lá está perto, para excursões, o formoso e poetico retiro do Bussaco.

— Continua a notar-se a falta de policia, tão necessaria n'este concelho.

— Os povos estão serenos mas álerta. Se tentarem mecher na autonomia d'este concelho, a reacção, e tremenda, não se fará esperar, e teremos muito que ver e contar.

Agricultura. — Referem de Estarreja que apesar das más noticias que de quasi todos os pontos do paiz chegam relativamente ao estado das vinhas, os viticultores d'aquelle concelho vêem ainda, com uma certa esperança, o regular desenvolvimento e amadurecer das que lhes pertencem. Felizmente o desvaste do *peronospora* assim como da *anthracnox*, *black rot* etc., não se apresenta com o caracter horroroso dos annos precedentes.

— Na provincia do Minho tem subido muito de preço o milho, cereal de que é fabricado quasi todo o pão consumido n'aquella provincia.

Em Lisboa tambem o milho tem encarecido. Alli é empregado na fabricação do alcool.

— Dizem de Lamas: Os milharaes das terras altas e dos campos, apresentam um aspecto lindissimo. As vinhas estão bastante damnificadas com o *mildiw*, apesar da applicação, em abundancia, do sulfato.

— Dizem de Chaves que alli baixou extraordinariamente a temperatura, causando graves prejuizos nos vinhedos, em que se tem desenvolvido muito o *oidium* e o *mildio*.

— Contam tambem de Macedo de Cavalleiros que as segadas estão concluidas, não havendo este anno tantos cereaes como se esperava. No entanto, o tempo tem corrido razoavelmente para a agricultura.

— Escrevem d'Oliveira d'Azemeis: Os milharaes apresentam-se muito promettedores, e as vinhas, apesar de terem sido em alguns pontos bastante atacadas pela *maromba*, pelo *oidium* e pelo *mildio*, auspiciam uma colheita bem regular.

— Referem de Villa Viçosa: As colheitas de cereaes e de legumes são escassas, ainda que não tanto como no anno de 1896.

A ORDEM EM VARSOVIA

E' do *Commercio de Portugal*, o seguinte artigo:

O sr. ministro do reino deve estar satisfeito, pois pouco lhe falta já, para ter o seu nome na historia dos homens celebres e dos estadistas energicos.

Com os talentos, que só são apregoados quando se acha no poder, lançou a agitação em todo o paiz e provocou serios conflictos em Villa Nova de Cerveira, Borba e Fornos d'Algodres. E' profundo o desgosto das localidades feridas pela ultima reforma administrativa e comarcã, e é grande a inquietação de outras, ameaçadas de eguaes injustiças e iniquidades.

Nas primeiras, os espiritos estão exaltadissimos e o governo mantem a ordem, fazendo occupar militarmente as capitaes dos concelhos supprimidos, e nas segundas, preparam-se representações para evitar o golpe que as ha de anniquilar. A paz publica, sempre tão festejada nos relatorios dos srs. ministros, e que era o seu grande apoio junto da corôa, para a fazer crer, que o povo vivia contente e satisfeito, desappareceu, e se o sr. ministro do reino não considera, como prometteu fazel-o com respeito a Vianna do Alemtejo, e não fecha sem demora e de todo, a cornucopia das suas sabedorias reformadoras, serios conflictos haverá a registar, e ninguem se surprehenderá se tivermos algum sangue derramado em honra d'essa dictadura odiosa, que ha de dar ainda muito que fallar,—principalmente quando exhalar o ultimo suspiro, coberta pelas maldições do paiz! Em Fornos de Algodres as violencias já começaram e os desmandos dos delegados do governo são já sem conta. O arrombamento das portas do hospital da Santa Casa da Misericordia é um indicio seguro de que as instrucções dadas pelo governo ás suas auctoridades e á tropa são das mais severas. O povo, por emquanto, não se excedeu deante de tantas provocações, mas se o fizer lá estão os 100 homens de infanteria 12 para o meterem na ordem, n'essa ordem, que é inalteravel em todo o paiz!

Assim mesmo é que é!

Ha um governo, que rasga a Constituição; que calca as leis aos pés; que decreta impostos sem o voto do parlamento; que malbarata o suor do povo em embanjamentos e desperdicios escandalosos; que decreta reformas militares que custam centenas de contos de réis, em proveito dos ministros; que pratica toda a especie de loucuras e attentados, rematando por investir com as tradicções gloriosas dos povos!

E quando os povos se levantam contra tão grande illegalidade e quando elles em nome da Coustituição e das leis, que lhes garautem direitos e regalias, se preparam para protestar, o governo manda invadir pelos seus malsins os archivos das municipalidades e das comarcas, ordena que se arrombem as portas dos hospitaes e ha de acabar por exigir que se fuzilem os miseraveis que se atrevem a invocar a Constituição e as leis, que o mesmo governo jurou observar e fazer observar, mas que não cumpre nem faz cumprir! E falla-se no prestigio da auctoridade, que é preciso defender a todo o custo! Mas, onde está a auctoridade e onde está o seu prestigio, se uma e outro só pódem ter por base a lei, que é revogada arbitrariamente pelo governo e invocada inutilmente pelo povo! Comprehende-se e justifica se todo o rigor para fazer cumprir uma lei votada pelas côrtes, mas não se explica nem se admitte que violentem o povo, que o vexem, que o maltratem, que o assasinem, para se manter o capricho vaidoso de um ministro! N'essa tragedia, que o governo está preparando em Fornos de Algodres, a razão e a justiça estão do lado do povo, porque elle defende os seus direitos em nome da Constituição e das leis, que só o poder legislativo póde alterar, modificar ou mesmo annullar. Em qualquer conflicto que tenha resultados funestos, toda a violencia é só do governo que emprega abusivamente a força publica de que abusivamente dispõe, porque está fóra da Coustituição, está fóra das leis e nenhum cidadão tem o dever de o respeitar e de lhe obedecer.

Fique, pois toda a responsabilidade ao sr. ministro do reino e aos seus collegas do que possa ainda vir a succeder nos pontos onde a indignação popular é grande e onde o governo a quer suffocar com os sabres e com as bayonetas. Veja-se o que se está passando em Fornos d'Algodres e diga-se depois, se os homens amantes da ordem, da liberdade e da lei, não teem motivo para andarem inquietos e sobresaltados.

Eis as noticias do extincto concelho, que se acha em estado de sitio, por ordem d'um governo illegal, arbitrario, provocador e impopular:

Fornos d'Algodres, 21. — Animos excitados até ao extremo.

Chegou toda a força disponivel de infanteria 12, em numero de cem praças, commandada pelo capitão Amado da Cunha e tres subalternos. Além d'esta força chegou tambem um avultado numero de policias civis e fiscaes.

Fecharam todos os estabelecimentos, casas de pasto, tabernas e officinas. Povo não trabalha e percorre as ruas em socego, mas prompto a reagir por todos os meios.

Negado aquartelamento ás forças e tudo se recusa a vender-lhe generos alimenticios. Commissario de policia arrombou o hospital da Misericordia e installou alli as forças. A mesa da Santa Casa reuniu immediatamente e resolveu dar participação criminal em juizo, sendo parte, e passar procuração para tal fim ao advogado Ferreira d'Abreu, que gratuitamente a acceitou. Os soldados invadem as propriedades particulares e roubam tudo por ordem do seu commandante, a quem os roubados pedem providencias, mas elle ainda os insulta e ameaça. A villa está em estado de sitio. O telegrapho não só não transmitte telegrammas para jornaes, —ainda os mais simples —mas tambem o não faz para os particulares, o que prejudica gravemente os interesses de muitas pessoas; e o que é mais revoltante, é não lhes restituir o dinheiro. O commissario de policia assiste á distribuição do correio e,—segundo nos informam,—exerce arbitraria e revoltante censura na correspondencia! Está affluindo já muita gente das freguezias d'esta comarca e concelho, para o comicio que deve ter logar ás 2 horas da tarde de hoje. Para a conducçao dos viveres para a força, desde a estação do caminho de ferro até esta villa, foi necessario intimarem lavradores d'uma freguezia circumvisinha, pois que os de aqui recusavam-se terminantemente a fazel-o. Não ha memoria d'uma resistencia tão tenaz e tão levantada.

Presume-se que o commissario de policia ou não permitta a realisação do comicio ou o dissolva. Se tal acontecer é impossivel dominar a colera popular. A camara está reunida em sessão extraordinaria para protestar energicamente contra este anarchismo, que ha-de necessariamente ter consequencias funestissimas para todos.

O governo tem lançado mão, desde hontem de todas as violencias, para vexar os habitantes d'esta terra, impondo-se pela força armada, mas ha de arrepender-se, porque o paiz vae tomar-lhe estreitas contas a um tão inqualificavel procedimento. Um governo assim não é um governo de ordem, mas de desordem, pois que não respeita leis, manda arrombar edificios particulares, roubar a esmo e calcar tudo aos pés! Voltamos ao tempo do despotismo, em que só impera a vontade de um homem. Emfim, Fornos está a saque e com suspensão de garantias!

O *Diario Illustrado* é menos verdadeiro quando diz que os povos da Beira receberam bem os decretos de 12 do corrente. Como resposta leia-nos e provocamol-o a que nos desminta. *A prova eloquentissima do estudo e rectidão com que procedeu o nobre ministro do reino* na dissolução d'esta comarca e extincção do concelho, está no que se vae passando aqui. Emquanto a informações officiaes dos delegados do governo, opportunamente lhe mostraremos que está mal informado.

*

A' ultima hora.—Segundo ordens do governo, os escrivães de direito estão inventariando os cartorios, para serem removidos immediatamente.

Diz-se que vem mais força e cavallaria. Chegaram já mais policias. Indignação geral.

24 DE JULHO

Narra o *Commercio de Portugal*:

Passa hoje o 62.º anniversario da entrada em Lisboa da gloriosa divisão liberal sob o heroico commando do illustre duque da Terceira.

A occupação da capital do reino representa o complemento da heroica campanha tão brilhantemente iniciada nos Açores e victoriosamente assignalada no Porto em favor da causa constitucional, campanha em que se praticaram prodigios de abnegação e de valor e em que o heroismo portuguez fez assombrosa prova de energia, de tenacidade e de desinteresse.

Quantas memorias saudosas invoca a recordação d'esta ephemeride illustre da historia patria!

Quantas recordações desvanecedoras, mas saudosas, para os filhos e para os netos dos que morreram nobremente ou se sacrificaram voluntaria e cegamente pela liberdade nacional!

Quantas lições do passado podem hoje edificar, entre as novas gerações, as impreteriveis lições do presente!

Como parecem maiores os marechaes de 1833! Que de desillusões e desenganos recebidos n'estes 62 annos, sobretudo nos ultimos tempos, e que pena não poderem resuscitar hoje os benemeritos legionarios do imperador, aquelles heroes *sans peur et sans reproche*, que trouxeram triumphantemente dos algares da Terceira ás muralhas do Porto e ás linhas de Lisboa, a bandeira da liberdade!

Como o tempo vae depressa e como os homens mudam tambem depressa! Quem diria, ha 62 annos, que este paiz havia de chegar ao aviltamento politico, de se deshonrar aos olhos dos povos cultos e perante a Historia, consentindo, que impunemente os seus governantes affrontem essa liberdade, que custou tantos sacrificios, tanto sangue e tantas lagrimas!

Que vergonha para todos e principalmente para aquelles, que rasgando a lei fundamental, faltam ao juramento sagrado que solemnemente prestaram deante de Deus e dos homens!

OS TUMULTOS EM BORBA.—AGITAÇÃO GERAL NO ALTO DO ALEMTEJO —A ONDA CRESCE

E' do *Elvense* o seguinte artigo:

A onda cresce, disse Thiers dois dias antes da quéda de Luiz Filippe.

A onda cresce, repetimos nós, 57 annos mais tarde.

Segundo nos informam, o apparato militar em Borba não fez senão excitar os animos, e bem o demonstra o telegramma mandado para o *Seculo* com data de 17. Apoderou-se d'aquelle povo o desespero que produz uma bofetada no rosto de um homem brioso, e é tal, que a um individuo d'alli ouvimos dizer que resistirá até ao fim, apesar de tudo, ainda que seja com as armas na mão. Vejam o que o sr. João Franco fez com uma pennada epileptica a um povo que acclamava El-Rei com enthusiasmo sempre que por alli passava, soltando vivas freneticos e queimando dezenas de foguetes em honra de Sua Magestade. Porque é preciso que saiba que o grito que soltou este povo de Borba, que hontem acclamava El-Rei, foi o de—*viva a republica e abaixo a monarchia*,—o que bastante nos penalisa e lamentamos sinceramente. O final do telegramma de Borba, a que acima nos referimos, é uma ameaça positiva—*O povo do concelho aguarda a occasião da passagem do sr. D. Carlos para Villa Viçosa para lhe agradecer condignamente!* O ponto de admiração é nosso.

O final do telegramma é a sequencia natural d'aquelle grito desesperado. E' a rebellião francamente declarada e promovida pelo sr. ministro do reino.

*

Mais nos informam que em Campo Maior, Arronches, Castello de Vide, Marvão, Crato e Fronteira, os animos ficaram bastante sobreexcitados com as revelações do *Seculo*, que dizia no seu numero de 18 do corrente que aquelles concelhos iam ser suprimidos. Principalmente em Campo Maior e Castello de Vide a indignação é geral. Ha uma fermentação surda e inquietadora em todo o alto Alemtejo, uma ameaça silenciosa que se lê nos olhares e nas conversas particulares, uma communidade de interesses locaes apezar das diversas côres politicas dos partidos, nas povoações.

O sr. João Franco julga lidar com os alemtejanos como lida com o povo de Lisboa, que foge ao menor arremeço da municipalidade. Talvez se engane; aqui é outra cousa. Pacificos por indole, mas resolutos pelo sangue arabe, que ainda lhes corre nas veias, é difficil espezinhal-os, e sirva-lhes de exemplo o que se passou em 1869, quando o bispo de Vizeu quiz supprimir o concelho de Campo Maior; defenderam-no com as armas nas mãos e assestaram as peças contra as forças que iam sobre a villa. Qual foi o resultado? Foi que Campo Maior continuou a ser concelho e o bispo engulio o decreto, como provavelmente o sr. ministro do reino ha de engulir a sua desleal reforma administrativa. Do que s. ex.ª se deve convencer é que a paciencia vae-se esgotando, e a onda cresce, e se cresce não é por culpa do povo e sim do governo, que suppõe estar tudo enervado e cheio de medo.

E' tempo de reflectir; vale mais uma retirada honrosa, a tempo, do que uma quéda n'um charco de sangue, onde tudo se póde atogar, governo, instituições, emfim, toda a harmonia da nossa sociedade, que para se recompôr dos desastres que se tem soffrido precisa de paz, de socego, e moralidade no governo e não de affrontas e provocações, que pódem levar o povo a uma lucta desesperada e o paiz a uma ruina completa.

Ahi fica o aviso leal de adversarios leaes. Não se illudam nem pretendam illudir os outros. Parte do alto Alemtejo está revoltado, e o resto, se se dér a suppressão dos concelhos que o *Seculo* indica, não tardará a revoltar-se. E quem viver verá.

ACCORDAO COMMERCIAL

Damos em seguida o notavel accordão com que o Supremo Tribunal de Justiça concedeu revista e anullou o da Relação do Porto, na questão intentada pelo nosso amigo, sr. Manuel Maria Aipador contra Francisco Correia de Sá e Mello e outros, e de que foi advogado o brilhante causidico, sr. dr. Barbosa de Magalhães:

ACCORDÃO FL.

Accordão os do conselho no Supremo Tribunal de Justiça.

O recurso vem interposto do accordão fl. 389, que revogou a sentença fl. 334, o qual tinha julgado improcedente a acção, em que, pelos fundamentos expostos na petição inicial fl. 2 os recorridos pedem ser julgados herdeiros de Domingos Lopes d'Oliveira, e como taes, pessoas illegitimas para intentarem esta acção—e que se julgue justificada a perda das letras, a que a mesma petição se refere, e essas concebidas nos termos, que forem expostos, ou nos que se apurassem a final, devendo o recorrente ser condemnado a entregar aos recorridos novas letras pela importancia das que se tinham perdido, com a firma do recorrente, como acceitante, excepto no que toca á firma do saccador que é fallecido, sob pena de ficar a sentença servindo de titulo dos recorridos;—que estes sejam reconhecidos como donos d'essas letras, e com direito a assignal-as como saccadores, ou, quando o recorrente não as entregue, como representantes do seu importe, e com direito a fazer valer a sentença, como se esta fosse as proprias letras;—e que os recorrentes sejam condemnados a pagar os juros vencidos desde o 1.º semestre inclusivè de 1891, e os que se vencerem até final.

Pede-se a concessão da revista com os fundamentos resumidos nas quatorze conclusões da minuta fl. 422.

Esses fundamentos foram impugnados na minuta fl. 434.

Tudo foi devidamente apreciado em conferencia.

São improcedentes as conclusões, em que se argue a nullidade do accordão por não ter conhecido das excepções oppostas pelos recorrentes na primeira instancia, e das nullidades, que os recorridos accusavam na minuta perante a segunda instancia: porque, quanto ás excepções, a sentença não as julgou procedentes, e conheceu do fundo da questão, que se controvertia; e tendo a sentença passado em julgado quanto ás excepções, pois que os recorrentes não appellaram d'ella, é evidente que não tinha o accordão que conhecer d'esse assumpto:—e quanto ás nullidades, porque o accordão, tendo conhecido do merecimento da acção e resolvido a questão da reforma das letras, reconheceu implicitamente, que as arguidas nullidades não tinham fundamento legal.

Não ha portanto razão juridica para concessão da revista pelo allegado n'aquellas conclusões, que se referem só ás excepções e nullidades do processo.

Não é, porém, o mesmo quanto ás outras conclusões, que se referem á nullidade do accordão no julgamento do merecimento da acção.

Todas essas outras conclusões affirmam a nullidade do accordão por ter julgado contra direito; não só por mandar reformar as letras, mas tambem pelos termos, ou condições, em que ordenou a reforma.

Ha portanto duas questões a julgar. A primeira é se as letras deviam ser reformadas. A segunda é se (no caso affirmativo) a reforma deve ser feita nos termos ou condições que o accordão ordenou. E' manifesto que resolvida negativamente a primeira, não ha que entrar na apreciação da segunda, que fica prejudicada.

Posto isto, conhecendo d'aquella primeira questão, e

Considerando, que a reforma d'uma letra perdida é a sua substituição por uma nova letra;

Considerando, que, por isso a nova letra deve conter as mesmas indicações da que vae substituir;

Considerando, que isso é essencial na reforma de letras perdidas, para se definir os direitos e obrigações dos intervenientes n'ellas e poder-se verificar-se os que firmam as novas letras o fazem na mesma qualidade juridica com que tinham firmado as letras perdidas;

Considerando que algumas das letras, cuja reforma se pede, foram passadas na vigencia do Codigo Commercial de 1833, e que por isso e para poderem valer como taes nos seus effeitos juridicos deviam ser nos precisos termos do art.º 321 do mesmo codigo;

Considerando que as letras cuja reforma tambem se pede, foram passadas na vigencia do novo Codigo Commercial, e por isso deviam tel-o sido nos termos de art.º 278 para produzirem effeito como letras, visto o disposto no art.º 281;

Considerando que a verificação dos termos, em que uma e outras letras tinham sido passadas, importava decisão sobre materia de facto, e da exclusiva competencia do jury;

Considerando que o jury não deu por provados os termos, em que as letras para valerem como taes, tinham sido passadas, e até deu como não provada a qualidade, em que o recorrente figurou nas letras, e a data d'ellas;

Considerando que nas causas commerciaes com intervenção do jury os juizes não tem competencia legal para conhecerem de materia de facto, quaesquer que sejam as provas, que os autos lhes patenteiem ou as presumpções, que d'estas possam nascer;

Considerando que não tendo os juizes, que fizeram vencimento no accordão, competencia para julgar, como materia de facto, quaes os termos, em que tinham sido passadas as letras, e não estando isso verificado por decisão do jury, é manifesto, que não podia ordenar-se a reforma d'ellas, visto que as novas letras deviam ser nos mesmos termos das letras perdidas, e não se verificou quaes estes eram;

Considerando que pouco importava para a reforma das letras, que o jury désse por provado que o recorrente está devendo a importancia d'ellas, porque não se tratava da verificação e pedido de divida, mas de reforma de letras;

Considerando que não é conforme o direito ordenar reforma de letras perdidas quando não se verificam precisamente os termos em que foram passadas:

Concedem a revista, annullam o accordão recorrido por ter julgado contra direito e mandam que os autos baixem á mesma relação, para por outros juizes se dar cumprimento á lei.

Lisboa, 22 de junho de 1895. — *Queiroz, Conde de Castro e Solla, Teixeira, Ferraz*, (vencido). Tem voto de juiz *Elyzeu, Queiroz*.

HOMENS ILLUSTRES

D'alguns, diz o *Conimbriense*, de 23 o seguinte:

São significativos os seguintes factos, e um verdadeiro brazão de gloria para as classes populares.

O celebre astronomo Kepler era filho de um taberneiro allemão.

O immortal Copernico nasceu de um pobre e miseravel padeiro.

D'Alembert, um dos maiores sábios que teve a França no seculo passado, foi uma creança exposta, quasi moribunda, nas escadas de um templo, e educada pela mulher de um vidraceiro.

O distincto mineralogista Hauy foi filho de um tecelão.

Herschell principiou por ser um pobre organista.

Diderot era filho de um cutileiro de Langres.

Cassendi foi um pobre camponez dos Alpes.

Vauquelin, chimico notavel, principiou por simples creado de um laboratorio.

Franklin começou por ser aprendiz de uma officina typographica.

O insigne orador romano, Cicero, foi por alguns individuos julgado como havendo sido filho de um pisoeiro.

O celebre papa Xisto V havia sido na sua infancia guardador de porcos.

João Jacques Rousseau, bem conhecido escriptor, cujo nome tem fama universal, viu-se obrigado, na sua mocidade, para poder viver, a ser copista de um escrivão de Genebra.

Laplace, Lagrange, e outros grandes genios, luctaram com a maior pobreza e miseria no principio da sua carreira scientifica.

Em Portugal tambem tem havido muitos individuos, que havendo nascido da classe plebeia, chegaram pelo trabalho e pela sciencia a obter uma elevada posição. E', porém, frequente n'este paiz haver individuos que occultam a sua procedencia, quando pelo contrario se deviam gloriar d'ella. Como excepção a esse procedimento condemnavel, ahi publicâmos tres louvaveis exemplos.

D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas, sabio distinctissimo, que depois de exercer em Lisboa elevados cargos, foi nomeado bispo de Beja e arcebispo de Evora, era filho de um serralheiro, ou ferreiro. A este respeito contava o padre José Agostinho de Macedo a seguinte curiosa anedocta, no seu *Motim Litterario*, publicado em 1811, quando Fr. Manuel do Cenaculo ainda era vivo. Dizia José Agostinho de Macedo:

«Gostei da ingenuidade do arcebispo de Evora, porque perguntando-lhe que ferida fôra aquella, cuja cicatriz conservava na cara, me respondeu que fôra uma chispa de um ferro em braza, que o pae malhava na bigorna. Ser filho de um homem que trabalha, é ser filho de boa familia.»

Ahi vae outro exemplo:

D. Luiz Simões Brandão, doutor na faculdade de canones e bispo de Angola, era natural de Coimbra e filho de um carpinteiro. Voltando de Angola para esta cidade, aqui foi vigario capitular, por estar a sé vaga, em razão de haver fallecido o bispo D. Antonio de Vasconcellos e Sousa. Notou elle que um conego evitava com frequencia prestar-lhe as devidas homenagens. Perguntou D. Luiz Simões Brandão a um seu amigo qual seria o motivo d'essa recusa; ao que este lhe respondeu que era por elle ser filho d'um simples carpinteiro. A essa informação disse o prelado que a maior honra que tinha, abaixo do caracter que possuia, era ser filho de *José Simões, carpinteiro;* e que a pena que o acompanhava era não ter a seu pae ainda vivo, para mostrar a todo o mundo, que se em Roma, Benedicto XI fez ver quanto estimava sua mãe, que era uma pobre lavadeira, elle tambem em Portugal queria que todos vissem o apreço que fazia de um pobre carpinteiro, que era seu pae.

Vamos terminar com o terceiro exemplo. O nosso amigo o sr. conselheiro Simão José da Luz Soriano, auctor de numerosas e importantes publicações, com que prestou relevantes serviços á historia patria, foi filho de um barbeiro, assim como barbeiro havia sido o applaudido poeta Domingos dos Reis Quita, que mereceu ser um dos primeiros socios da Arcadia Ulyssiponense. Não se envergonhava Soriano da sua procedencia, antes o manifestava nas—*Revelações da minha vida*. Aprendeu elle o officio de encadernador; e uma vez que achando-se em Coimbra o sr. Soriano nos veiu visitar ao nosso escriptorio, nos disse que ainda era elle que exclusivamente encadernava os seus livros. E com os avultados meios que adquiriu o sr. Soriano, deixou elle, o filho do barbeiro, valiosissimos legados, entre os quaes se nota o auxilio a varios estudantes pobres em Coimbra e Lisboa, para poderem cursar os estudos.

Compare-se o louvavel procedimento d'estes e outros dignos filhos de operarios, que havendo chegado a uma elevado posição social, se lisonjeiam de manifestar a sua proveniencia; com aquelles que procuram occultal-a, como se isso para elles fosse uma deshonra.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

VINTE E CINCO DE JULHO

S. THIAGO MAIOR

A Egreja catholica celebra hoje a festividade de S. Thiago, um dos tres mais dilectos discipulos de Jezus. Os outros foram S. João Evangelista, irmão do mesmo Santo e S. Pedro, que, depois da morte do Divino Mestre, viera a ser o seu primeiro representante na terra. Aquelles dois irmãos eram filhos de Zebedeu e de Salomé e viveram por muito tempo com seus paes em Bethsaida, onde haviam nascido. Tambem alli nasceram S. Pedro, Santo André e S. Philippe.

Zebedeu e seus filhos occupavam-se no mister da pesca, mas tinham barco proprio, e por isso eram chamados barqueiros. Os outros discipulos de Jesus eram chamados pescadores, por que nem sempre trabalhavam por conta propria, mas sob as ordens de um patrão. Todos elles exerciam os seus trabalhos no lago de *Genesareth*, a que tambem se dava o nome de—*mar de Tibiriades*. Junto ás praias e sobre as aguas d'esse mar, a que tantas lendas e tradicções religiosas se referem, viveram os dois filhos de Zebedeu, que Jesus obrava tão assignalados prodigios, que se resolveram a seguil-o e a sacrificarem-se por Elle. E, para isso, muito concorrera o facto de se obter uma abundancia espantosa de pesca, attribuida á benção de Jesus, que, tendo ouvido as queixas dos pescadores, os animára a que de novo deitassem as redes.

Zebedeu e Salomé sentiram a ausencia de seus filhos. Mas não lhes foi dificil resignarem-se, porque reconheciam, que elles se destinavam a um fim justo e por effeito de inspiração divina.

*

João Evangelista foi appelidado—o discipulo amado—*(discipulus dilectus)* de Jesus. Mas Thiago, seu irmão mais velho, não mereceu menos a amisade, d'aquelle, por quem haviam deixado a familia e a patria e por quem haviam abandonado o barco e redes.

Com effeito a historia diz-nos, que Thiago fôra testemunha presencial de quasi todos os milagres e prodigios, com que Jesus Christo quiz beneficiar a humanidade e provar a sua origem divina. Elle assistira á ressurreição da sogra de S. Pedro, bem como á da filha de Jairo, chefe da Sinagoga. D'este facto maravilhoso, foram unicas testemunhas Thiago, João e Pedro. E foram tambem estes os que tiveram a gloria de presenciarem, no Thabor, a transformação de Jesus.

Tantas maravilhas e tantos favores, despensados por o Divino Mestre aos filhos de Salomé, animaram aquella ditosa mulher a pedir-lhe para elles a suprema ventura na patria celeste! Desejava vêl-os, um á direita e outro á esquerda d'aquelle, que tanto os amára! Mas o Salvador, voltando-se para elles, declarou-lhes, que não lhes poderia conceder essa ventura, sem que tivesse esgotado o calix amargoso, que na terra havia de beber até ás fezes, para resgate de toda a humanidade.

A este facto se refere o Evangelho d'este dia e que é extraido do Capitulo XX de S. Matheus.

João e Thiago mostraram um tão ardente zelo no seu amor a Jesus, que este os appelidava *Boanerges*, isto é: filhos do trovão! Assistiram com Pedro á agonia de Jesus no Horto de Gethsmani. Para ahi os attrahira o Salvador, esperando encontrar n'elles a consolação, de que precisaria, quando, na sua oração ao Eterno Pae, derramou, com seu suor, tão copioso sangue, que chegou a regar a terra! Voltou de orar e achou-os dormindo. Não os reprehendeu, porque Jesus era manso e humilde. Lamentou apenas, que os tres discipulos, a quem tanto amava, «não tivessem podido vigiar com Elle ao menos por alguns instantes» e aconselhou-lhes a oração e a vigilia, como escudo impenetravel contra as tentações.

Depois da morte de Jesus, Thiago, tendo, como seus companheiros, recebido a graça do Divino Santo, percorreu diversos paizes, prégando o Evangelho e instruindo os povos nas doutrinas do Salvador. Foi elle o apostolo das Hespanhas, e por seu zelo e pela franqueza, com que reprehendia os vicios e aconselhava a virtude, foi no anno 44 de Christo, mandado degolar por ordem de Herodes Agrippa, rei da Judeia e neto do que mandára degolar os santos innocentes. Seu corpo foi sepultado em Jerusalem, d'onde, pouco depois, seus discipulos o transportaram para a Hespanha, principal theatro de suas heroicas virtudes e da sua prégação tão fructifera. Esteve sepultado em Isia, cidade da Galisa, d'onde em 816 foi levado para a cidade de Compostella, por ordem de Affonso, o Casto, Rei de Leão. A Compostella, todos os annos e especialmente no dia da sua festividade, vão muitos peregrinos.

179

FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

DECIMA 2.ª PARTE

ARREPENDIMENTO

IX

POBRE JULIÃO

Alguns dias depois Anna entrava n'aquelle caridoso asylo, cortava o seu formoso cabello, acceitava o habito da ordem e deixava de chamar-se Anna, para tomar o nome de soror Martyrio.

Soror Martyrio foi desde o primeiro dia modelo de piedade e de clemencia. Magdalena não deixava de vêl-a diariamente; mas não queria fallar-lhe de cousa alguma que a relacionasse com o mundo, e por conseguinte nada lhe dissera a respeito da triste sorte de Julião. No mesmo dia e á mesma hora em que Bruno mandára um dos seus criados procurar uma irmã da caridade para assistir a Julião nos seus ultimos momentos, resoaram as pisadas de um cavallo no interior do edificio em que soror Martyrio se encontrava, e um homem chamou á roda.

— Madre, disse o recemchegado logo que em resposta ao *Deo Gratias* pronunciado por elle, ouviu a voz da rodeira que dizia: A Deus sejam dadas. Venho pedir em nome de uns senhores que assistem não longe d'este sitio, os auxilios da irmandade para um filho que teem moribundo.

O homem deixou um papel com as indicações da casa do tio Bruno, mas sem dizer o nome d'este, por não ser preciso.

— Está bem, disse a rodeira.

— Mas irá?

— Agora mesmo.

O homem montou a cavallo e partiu. Soror Martyrio distinguia-se entre as outras irmãs da associação pelo grande ascendente que exercia sobre todos os enfermos, e pela inexcedivel solicitude e affabilidade evangelica com que os tratava.

Entregou a rodeira á superiora o papel que lhe tinham dado; e esta, depois de o lêr, mandou chamar soror Martyrio, que appareceu pouco depois. Vestia o habito com certa elegancia, e a touca dava-lhe ao semblante, ao contrario do que succede com outras irmãs, uma expressão extraordinaria de piedade e doçura.

— Soror Martirio, disse a superiora, escolhi-a para ir assistir ao enfermo cuja habitação se declara n'este papel.

— Irei, madre, respondeu a irmã.

E pouco depois saiu do estabelecimento e encaminhou-se á casa de Julião. Quando se via só, Anna caminhava entregue ás suas recordações. Sem querer, lembrava se de Luiz, de André, de Sabina, de todos os que, pelo bem ou pelo mal, tinham coadjuvado a sua rehabilitação ou a sua queda; e quando pensava no pobre Julião, victima do seu despeito, sentia opprimir-se-lhe o coração e perturbar-se-lhe o cerebro.

Precisamente no dia de que tratamos, Anna, pensando em Julião, atravessava os solitarios passeios de Chamberi. Caminhava distraida, com os braços crusados sobre o peito, e a vista, não sabemos se fixa em Deus, ou convergida no seu proprio espirito. Por fim chegou á casa, e como o seu habito a dispensasse de dizer como se chamava e a que ia, atravessou um corredor, e guiada por um criado que parecia esperal-a, entrou no quarto do moribundo. O ar que se respirava alli era nauseante. No centro e proximo de uma janella de sacada, pela qual penetrava um raio de sol triste e moribundo, via-se Julião macillento, encurvado e sentado n'uma poltrona, com o corpo occulto debaixo de um capote e envolvidas as pernas n'uma pelle magnifica que descia em pregas até ao chão. O doente estava só n'este momento. Soror Martyrio impellin suavemente a porta de vidros que a separava do aposento do enfermo, e entrando perguntou ao creado:

— E' aqui?

— Sim, senhora.

Julião, que até então tinha permanecido olhando para o campo atravez dos vidros, volveu penosamente a cabeça e fitou em Anna os seus grandes olhos, n'este momento maiores pela ourella da morte que os rodeava. Anna achou no moço moribundo grande similhança com Julião, mas não poude suspeitar que fosse o mesmo, porque não tinha prevenção alguma d'aquella mudança funesta e repentina. Succedia outro tanto a Julião; mas elle tinha visto sempre com tanto amor os olhos de Anna, extasiara-o tantas vezes a luz d'aquelle olhar, que lhe era impossivel deixar de reconhecel-a. Nos primeiros momentos ergueu-se um pouco, contrahiu os braços, apoiou as crispadas mãos sobre os braços da poltrona, e depois de contemplar a religiosa com supreza, deixou-se cair como se tivera descido do Céu da sua ventura até ao abysmo do mais cruel infortunio.

— Anna! és tu!... exclamou.

E appareceu-lhe nos labios um sorriso triste como o raio do sol que lhe descia sobre a cabeça, permaturamente calva. Soror Martyrio reprimiu um grito de angustia e occultou o rosto entre as mãos. Um ataque de tosse secca substituiu o sorriso de Julião, que não pôde reprimir uma golfada de sangue. Depois, o pobre moribundo contemplou a irmã tranquillamente. Anna parecia sentir-se retida por uma força invisivel e potente.

— Vem, acerca-te, disse elle, e não temas nem te affilijas, porque eu perdoei-te. Que é isto? Mudou a tua vida: o arrependimento transformou-te o coração, e a fé parece guiar-te os passos pelo caminho da existencia... Estimo, estimo muito. Amei-te, não sei se te amo ainda, e muitas vezes tenho-me concentrado dentro de mim proprio para pensar em ti e fazer votos pela tua felicidade. Do tempo do nosso amor só conservo recordações agradaveis, por que olvidei completamente aquellas que podiam destruir-me o engano d'alma em que vivi.

Anna tinha-se approximado de Julião e chorava.

— Lembras-te, continuou o enfermo, dos dias em que passeiavamos juntos? A felicidade alumiava o nosso amor como fulgor de astro brilhante. Esqueci os teus desdens, os teus enfados, os teus desprezos, esqueci tudo, completamente tudo, excepto a tua imagem, que me tem presidido aos sonhos d'alma.

— Julião! murmurou Anna, tenho sido mais desgraçada do que culpada, e desejo unicamente o teu perdão.

— O meu perdão! E para que? Só se perdôa a quem nos offende, e tu nunca me offendeste, ou pelo menos não me lembro d'isso. O que unicamente fizeste foi não amar-me; mas no futuro não succederá assim.

Os remorsos dilaceravam o coração de Anna. N'este momento, appareceram Mendoza e Magdalena. Anna contemplou-os com surpreza, e separando-se do sitio em que a dôr a tinha prostrado, abraçou a sua nobre protectora.

— Até quando ha de perseguir-me o infortunio?... disse soluçando.

Mendoza collocou-se entretanto ao lado de Julião.

— Está-me martyrisando, doutor! disse o infeliz.

— Porquê? perguntou Mendoza, adquirindo em um só momento a intima convicção de que a morte não tardaria a empolgar Julião.

—Tem-me martyrisado, continuou o enfermo com voz debil e rouca, porque não me deixa sahir da capital, apesar de me sentir bom, não é verdade D. Magdalena? Queira approximar-se: approxima te tambem, Anna; quero contar-lhes os meus projectos, quero dizer-lhes tudo o que no futuro tenciono fazer... E meus paes? onde estão? Chamem-os. Quero tel-os ao meu lado, quero vel-os, e abraçal-os... São tão bons para mim!

E voltando-se para Magdalena, proseguiu:

— Perdôa-me, D. Magdalena, como Anna me perdôa? Eu não esperava mais vêl-a, e comtudo... Que cousas succedem na vida! Não é verdade, doutor, que a vida é muito triste?

Julião interrompeu-se para tossir. O medico disse a Magdalena com o olhar, sem que o enfermo o notasse:

— Restam-lhe poucos momentos.

Anna chorava desoladamente. Julião reuniu-os a todos, abraçou-os ternamente, e disse-lhes sorrindo:

— Perdoam-me, não é assim? Oh! que mau tenho sido! Como são desgraçados os que morrem na flor da edade por não terem seguido a senda que seus paes lhe traçaram!

A voz era cada vez mais lenta e sem vigor.

— A vida, o amor, a felicidade...

N'este momento appareceu Bruno. Julião chamou-o e beijou-lhe as mãos, deixando cair sobre ellas uma lagrima ardente. Depois agarrou desesperadamente as mãos do medico e como se um presentimento de morte o aterrasse repentinamente, exclamou:

— Salve-me! salve-me!...

O esforço que fez para dizer isto produziu-lhe um vomito de sangue. Anna collocou-se diante da poltrona, apertou as mãos de Julião entre as suas, fitou-o com desesperação infinda, e esquecendo-se de tudo, até do sagrado caracter de que se achava revestida, exclamou no auge da dôr:

— Perdoa-me, Julião!...

Bruno caiu sem alento nos braços de Mendoza.

— Meu pae!... Mãe da minha alma!... Anna!... Balbuciou Julião.

E ao mesmo tempo deixou cahir a cabeça no hombro de soror Martyrio, que pareceu seguir com o olhar o vôo d'aquella alma ao desprender-se do involucro mortal para subir ao infinito.

.....

Permitta-nos o leitor que reunniciemos a descrever o que se passou em seguida a este fatal acontecimento.

(Continua.)

grinos visitar os restos mortaes do grande apostolo, prestar-lhe sinceras homenagens e deixar valiosas offerendas. A fim de mais honrar aquellas cinzas e melhor se prestar culto a S. Thiago, foi, no tempo de Papa Leão III, transferida para Compostella a séde do Bispado de Isia. Se Compostella se honra de possuir o corpo d'aquelle santo, não poucas terras se honram de possuirem algumas das suas reliquias, especialmente em França. São muitas as egrejas dedicadas a S. Thiago em toda a christandade. E' uma das mais notaveis a que se admira em Jerusalem.

Tambem em Portugal ha muitas egrejas d'esta invocação e entre estas se aponta a de Beduido, no concelho de Estarreja.

*

S. Thiago era mais velho doze annos de que Jesus Christo. Foi chamado S. Thiago—o maior—não só por ser mais notavel em seus serviços, posto que não em santidade, que o seu homonimo, que, com S. Filippe se festeja no primeiro de maio; mas tambem porque era de mais edade, quando, por Jesus Christo, foi chamado a fazer parte do apostolado.

*

S. Thiago! Era o grito dos christãos da nossa peninsula, quando, em renhidos combates, procuravam levar de vencida os sectarios do Alcorão.

*

Em 1175 foi fundada em Hespanha a Ordem de S. Thiago, pelo rei D. Fernando II. E' por sua excellencia denominada—*a Nobre*. Disputa antiguidades á de Calatrava. O rei é o grão-mestre. Esta ordem possue tres grandes priorados: o de Castella, o de Leão e o de Montalvão, e tem 85 communas.

Em Portugal tambem ha ordem de S. Thiago, instituida em 1177, por El-rei D. Affonso Henrique, para honrar os christãos, que mais se distinguissem nas batalhas contra os infieis.

Em 31 de outubro de 1862 foi reformada com o titulo de: Antiga, nobilissima e esclarecida Ordem de S. Thiago de Merito Scientifico, Litterario e Artistico. Tem por fim galardoar os individuos, que mais se tornam notaveis nas letras, nas artes e nas sciencias.

*

No dia 25 de julho tambem a Egreja catholica commemora os martyrios de S. Christovam, S. Theodomiro (monge), Santa Valentina, S. Cucufate e outros.

*

O dia de S. Thiago tem missa e orações proprias. A epistola é tirada do Capitulo IV da *Pimeira* aos Corinthios, e muito se refere á humildade e á resignação, com que se devem soffrer os martyrios e as perseguições, vitrudes, em que, todos apostolos tanto se tornaram notaveis.

RANGEL DE QUADROS.

CARTAS

Meu caro Albergaria.—Vou encetar, no proximo numero do *Campeão das Provincias* uma série de cartas, destinadas a zurzir desapiedadamente o João dos Foguetes, visto como o auctoritario Ferrabraz se empenha em acirrar, com doestos, o animo pacato do povo de Salreu.

Por temperamento e por indole, não sei assucarar os remedios que o meu espirito se compraz applicar aos cerebros dessorados; e, portanto, vae contando com o portuguez claro e incisivo da minha penna d'estoque, que vou pôr ao serviço d'uma causa sympathica e justa. Não poderia encontrar melhor nome do que o teu, para dirigir as minhas cartas, porque ha muito sei a colera que tributas, tão justificadamente, ao carnavalesco heroe.

Serei implacavel na minha arremettida, tanto quanto m'o auctorisam os factos que vou narrar, cuja veracidade garanto, e bom será que os defensores do homem, a tres vintens a linha, se convençam da inutilidade dos seus arrasoados, que, por muito conhecidos, já não illudem ninguem.

Atura como puderes o
Teu velho amigo
Salreu 23 de julho de 1895.
José Luciano Côrte-Real.

PELO ESTRANGEIRO

O assassinato de Stambuloff. — Eis proximamente chegada a hora em que a imparcialidade e a critica, revestidas dos seus sagrados direitos, julguem do homem que ha poucos dias baixou ao tumulo na Bulgaria, os seus feitos patrioticos, a sua dedicação civica e porventura os crimes que lhe imputam.

Quem lêr certos jornaes viennenses, allemães ou mesmo inglezes, fica convencido de que a culpabilidade do attentado recahe por completo sobre o governo de M. Stoiloff, protegido até certo ponto pela indifferença do principe Fernando. Só o tempo, patenteando-nos testemunhos certos e indiscutiveis, e o conhecimento de circumstancias antecedentes e concomitantes, á falta do flagrante delicto, póde lançar verdadeira luz sobre o sanguinolento drama, dando-nos conta do caracter, reputação e interesses evidentes dos altos personagens, de que, parece, se está fazendo bodes expiatorios.

Observa-se comtudo que nunca homens politicos da Bulgaria mereceram tão pouco taes suspeitas como M. Stoiloff e os seus collegas do gabinete. Nenhum governo usou ainda, em meio da brutal politica que os rege, tanta discrição, tacto e moderação. Entre tantos selvagens apenas com uma tintura de civilisação, entre todos esses aldeões do Danubio, para quem a força e a intriga são o *alpha* e o *omega* da arte de governar, M. Stoiloff deu sempre provas d'uma correcção quasi occidental. Não seria agora, no momento em que o horizonte politico da Bulgaria começa a descobrir, quando está quasi chegado a bom termo a questão travada com a Russia, que homens de intelligencia acima do vulgar e experimentados no mundo, commetteriam a sangue frio semelhante crime.

E', pois, n'outro logar, que se deve procurar o movel do attentado. A agitação da Macedonia, a attitude de Stambuloff para com a Porta e o sultão, não devem ser estranhos á vingança.

O futuro dil-o-ha.

*

O indigitado Tufektchief, preso pela policia, apresentou um alibi. O juiz de instrucção espera ao menos que elle não fosse de todo estranho ao crime. Um antigo secretario do major Panitza e um macedonio, Athanas, suspeitos, foram presos. Julga-se que se trata da vingança, ainda, da execução Panitza ou da de Karagoulof, que tinha conspirado contra a vida do principe Fernando.

O principe tinha enviado uma magnifica corôa e, segundo a sua ordem, o ajudante Markof apresentou-se em casa do morto para a depôr; mas Madame Montkourof, irmã de Stambuloff, recusou em nome da viuva, acceital-a, dizendo: «Stambuloff declarou, em presença de testemunhas — Tufektchief matou-me; o principe tambem.»

O ajudante retirou-se sem responder e sem depôr a corôa. O facto sabido na cidade produziu sensação enorme. Informado do incidente, o principe Fernando mandou ao marechal da côrte o seguinte telegramma:

«Em presença da attitude inqualificavel da familia Stambuloff, á vista das minhas demonstrações leaes e respeitosas, não estando eu disposto a expôr os meus servidores a novas injurias, vejo-me obrigado a prohibir-vos, bem como a todos os funccionarios civis e militares, tomar parte nos funeraes de M. Stambuloff.»

M. Petkof, que acompanhava o assassinado, accusa o governo do attentado.

«Infelizmente, conta elle, não posso dar nenhuma indicação do assassino. Ao primeiro tiro a carruagem parou. Eu cahi ligeiramente ferido e antes que me podesse levantar, já Stambuloff tinha sido massacrado.»

*

Inserem os jornaes parisienses longos pormenores ácerca do funeral de Stambuloff, que foi antigo regente e primeiro ministro da Bulgaria. A cerimonia, que teve logar a 21, foi perturbada com manifestações hostis e panicos, que converteram o funeral n'uma triste scena de desordens. Logo pela manhã appareceram pelas paredes impressos, convidando a população a tomar parte no cortejo, mas alguem os arrancou, substituindo-os por outros, ennumerando os «crimes do tyranno» e convidando a abstenção «os verdadeiros patriotas». Este protesto produziu o seu effeito porque, além dos parentes e amigos do finado, apenas umas tresentas pessoas, incluindo as deputações de diversas cidades, marchavam atraz do feretro. Os agentes e consules das potencias compareceram todos, á excepção do consul da Belgica. Devido aos incidentes provocados pela familia de Stambuloff, não appareceu nenhum personagem official. Todo o clero de Sophia precedia o carro funebre, seguindo-se-lhe a velha mãe de Stambuloff pelo braço de Petkof, Mme Moutkourof e os outros membros da familia, com os amigos. O governo tinha adoptado certas medidas de ordem, dispondo por exemplo, piquetes de cavallaria, nos pontos onde a multidão poderia difficultar a passagem do cortejo. Essas precauções foram porém, inuteis, porque o cortejo avançava a custo. No local do attentado parou e o clero pronunciou algumas resas. Depois Petkof usou da palavra, o que deu logar ao primeiro tumulto.

«Foi n'este sitio, exclamou elle, que o melhor dos patriotas, aquelle que tudo fez pela patria e pelo throno, cahiu aos golpes de assassinos assalariados.» N'esse momento sahiu da multidão uma voz, gritando: «Tu mentes!» E ao mesmo tempo ouvia-se a dotonação d'um tiro, seguindo-se terrivel panico. As creanças que levavam coroas atiraram-n'as ao chão e fugiram, soltando gritos de terror. Todo o cortejo correu para os passeios, empurraudo e calcando os que se impunham á passagem. Muitas mulheres de diplomatas ficaram de tal maneira molestadas, que se retiravam a toda a pressa. A policia interveio, mas só depois de longos esforços é que conseguiu restabelecer a ordem, sendo depois o cortejo dirigido por um official de policia, afim de evitar a repetição de tumultos. Os gendarmes, que accudiram a galope, tambem rodearam o prestito, que continuou o seu caminho no meio de gritos, muitos dos quaes dirigidos a Petkof. As corôas, abandonadas no local, eram calcadas aos pés, não faltando tambem amadores que levaram algumas. O corpo diplomatico retirou com excepção do representante da Allemanha e dos consules da Roumania e da Servia. Um pouco mais longe, o panico apoderou-se novamente dos assistentes, cujo pequeno numero ainda mais diminuiu, seguindo a toda a pressa o cortejo para a cathedral, que estava cheia de gente. A cerimonia religiosa foi muito curta, porque receiando-se mais tumultos, foram supprimidos os discursos. Nem na egreja nem no cemiterio, ninguem usou da palavra.

O feretro foi depois levado por quatro amigos do defunto. A grande rua Witocha, que conduz da cathedral ao cemiterio, estava cheia de curiosos. Muitos milhares de pessoas acompanharam o caixão funerario, até ao cemiterio, que dista da cidade alguns kilometros. A multidão era escoltada por policia e no cemiterio tambem estavam numerosos agentes que conseguiram impedir um conflicto grave, porque os amigos de Panitza tinham-se agrupado com flores e bandeiras proximo do tumulo do major e acolheram com gritos de odio a chegada do cadaver de Stambulof. Por momentos a desordem esteve imminente, porque, atraz das filas dos policias, ouviam-se gritos agudos e assobios. Appareceram, porém, os gendarmes a cavallo, que dispersaram os manifestantes. Depois da cerimonia da inhumação, tambem se ouviu no cemiterio uma musica e gritos de alegria. A policia acudiu a toda a pressa, deparando com milhares de curiosos socialistas, com bandeiras, que celebravam a morte de Stambuloff sobre o tumulo dos condemnados do processo Beltchef. Depois d'um discurso fulminante contra Stambuloff, os tumulos foram benzidos, pronunciando-se tambem mais discursos, figurando entre os oradores Kirdchjiev, director da secretaria da Camara. Não foi porém, precisa a intervenção energica da policia.

*

O cadaver de Stambuloff causava horror. Tinham-lhe tirado as ligaduras que lhe comprimiam a cabeça, ficando á vista os horriveis ferimentos que ellas encobriam. Uma grande cutilada estendia-se da face esquerda, cortando o nariz e o olho direito, até á orelha direita. Outra corria da sobrancelha esquerda até ao alto do craneo; uma terceira, do temporal esquerdo até atraz da orelha. A face esquerda estava tambem cortada, estendendo-se o golpe até ao pescoço. A cabeça, pelo lado de traz, egualmente apresentava uma rede de ferimentos terriveis e no alto viam-se tres ou quatro buracos feitos com punhal. Junto do caixão, estava um recipiente cheio de alcool com as mãos amputadas de Stambuloff. Na mão esquerda faltavam o primeiro e o segundo dedos.

A guerra de Cuba.— O combate em que pereceu o general Santocildes, durou desde as onze e meia da manhã até ás sete da tarde. O cadaver do bravo militar bem como o do seu ajudante Sottomayor, foram enterrados em Bayamo, no meio d'uma manifestação de luto.

O balanço geral do combate de Valenzuela é o seguinte, pela nota official: As forças leaes, que luctaram 1:000 contra 7:000, causaram ao inimigo 500 baixas, matando os cabecilhas Rabi, Soulet, Moncada, Machado e outros. As baixas dos hespanhoes foram 80, mortos, general Santocildes, tenente Sottomayor, tenente-coronel Vaguero, capitão Travesi.

Foram chamadas as reservas de 1891. O total das forças expedicionarias que vão ser reenviadas a Cuba é o seguinte:

Infanteria.....	20:000	homens
Cavallaria.....	1:250	»
Artilheria de praça.	800	»
» de montanha.	800	»
Engenheria.....	1:000	»
Total.....	23:850	

A guerra de 1870.— Perante grande multidão, commemorando o anniversario da guerra de 1870, procedeu-se no arsenal de Berlim á installação das bandeiras e estandartes tomados na campanha. Finda a cerimonia, os regimentos desfilaram ao som do *Wacht am Rehin*. Os estudantes, que depois reuniram na Universidade, applaudiram o discurso do professor de Freitschke que recordou os principaes feitos da guerra de 1870 e fez o panegirico da unidade allemã. Terminou dizendo: «A espada deve conservar o que a espada conquistou; não devemos esquecer que a força só póde ser domada pela força.»

Nas principaes cidades da Allemanha houve identicas cerimonias militares e civis.

Ainda a inauguração do caminho de ferro de Lourenço Marques a Pretoria. — Por occasião da inauguração do caminho de ferro de Lourenço Marques a Pretoria, Kruger, presidente do Transvaal, teve a bordo da canhoneira allemã *Condor*, estacionada nas aguas da bahia de Lourenço Marques, uma calorosa recepção. N'essa occasião foi-lhe entregue um telegramma do imperador Guilherme que, segundo o jornal allemão *Post*, era assim concebido:

«*O imperador Guilherme ao presidente Kruger, na bahia de Lourenço Marques.*—Sinto-me particularmente feliz por poder enviar-vos os meus cumprimentos o bordo do meu navio de guerra *Condor*, n'este dia em que celebraes a conclusão do caminho de ferro que une a capital do vosso Estado ao Oceano. Felicito-vos e felicito a republiça da Africa do sul, cujo prospero desenvolvimento terá sempre a minha sympathia, pela feliz conclusão do caminho de ferro de Lourenço Marques, e espero que esta nova linha, que tem em si a garantia de uma grande prosperidade no futuro, será um poderoso elemento para o desenvolvimento de trafico commercial e que ao mesmo tempo servirá utilmente para estreitar as relações do vosso Estado com a Allemanha, e por consequencia os laços que existem entre os dous paizes. A bordo do meu *yacht Hohenzollern*, 14 de julho de 1895.—*Guilherme I.*»

O presidente Kruger respondeu a este telegramma, agradecendo ao imperador as suas felicitações e os seus votes cordeaes pela prosperidade do Transvaal.

Os acontecimentos no Brazil. — Participou o telegrapho ter constado no Rio de Janeiro, que os inglezes se tinham apossado da ilha de Trindade, pertencente ao Brazil. Esta ilha, situada no Atlantico, quasi nas alturas da Bahia, acha-se actualmente deshabitada, segundo diz uma folha estrangeira. Existem comtudo n'ella vestigios de antigos estabelecimentos portuguezes. Parece que a ilha só póde servir para uma estação de deposito de carvão. O barão Harden Hickey, muito conhecido em Pariz, concebera o projecto de estabelecer n'aquella ilha uma colonia, fundando ao mesmo tempo em proveito seu uma especie de principado. Este projecto não foi posto em execução, mesmo porque o Brazil se oppozera.

Romantesco parisiense.—Deu-se agora um facto em Paris, que mostra, que nem todos os casaes são como os descreve nas suas alegrissimas cartas Armand Silvestre e que ainda ha na grande capital franceza maridos para quem a morte da cara metade não é motivo de grandes alegrias. O conde de Gayon defendeu ha dias these na escola medica, terminando assim o curso de medicina.

O conde de Gayon, que é um antigo deputado, e que occupou um logar bastante importante na politica franceza, dedicou-se ao estudo da medicina pouco tempo depois da morte de sua mulher. Esta senhora que juntava a uma rara intelligencia, um encanto inexcedivel, uma infatigavel caridade, mostrava desejos de que seu marido pudesse um dia ser o medico desinteressado dos pobres, o que ella considerava como o melhor emprego que um homem de sociedade podia dar ás suas faculdades, á sua riqueza e ao seu tempo. Este desejo foi cumprido rigorosamente, pois que o conde de Gayon, logo depois da morte de sua mulher, dedicou-se assidua e infatigavelmente ao estudo da medicina, podendo, após cinco annos de brilhantissimos exames, começar cumprindo a piedosa missão que sua mulher desejava que elle cumprisse.

Primo de Rivera.— Dizem de Sevilha que o general Primo de Rivera, victima do attentado do capitão Clavijo, está já de magnifica saude, na sua quinta de Robledo. Antes da segunda quinzena de agosto proximo futuro, tenciona elle estar de regresso á côrte, e retomar o commando em chefe do primeiro corpo do exercito.

Manobras do outono em França. — Para poderem acompanhar estas manobras, caso o governo francez consinta, como nos annos anteriores, a presença dos officiaes estrangeiros nas manobras, foram acreditados junto da legação portugueza em Paris, o capitão de engenharia Mendes de Almeida e o tenente da mesma arma, Rodolpho Guimarães. Este ultimo official, antes, porém, de ir desempenhar esta commissão de serviço, assistirá ao congresso que em Bordeaux realisa no proximo mez de agosto a *Association française pour l'avance ment des sciences*,

Incidente tragico.—No National Theater de Berlim estava em scena um drama intitulado *Martyrios d'uma casa de doidos*. O actor que desempenhava o papel principal, representava com talento as torturas soffridas por um desgraçado mettido injustamente n'um hospicio de alienados. No fim da récita o pobre homem atirou-se ao chão, dominado por uma crise terrivel e repetindo esta phrase do seu papel: «Não estou doido; entreguem-me o meu dinheiro!»

A principio, o publico não comprehendeu o que se passava, mas como essa scena se prolongasse, a verdade saltou aos olhos de todos: o desgraçado tinha endoidecido a valer. Foram precisos cinco homens para o segurar e conduzir a um hospital de alienados, de onde elle provavelmente não tornará a sahir, porque os seus accessos de loucura furiosa teem augmentado sempre.

As actrizes apaixonadas. — Em Bordeus deu-se ha dias a seguinte scena romantica. Mademoiselle Zaborie, actriz que tem representado por varias vezes nas Folies-Dramatiques, de Paris, e que ultimamente estava escripturada para Alexandria, disparou um tiro de rewolver sobre M. M., seu antigo amante, não conseguindo, porém, feril-o. Depois, subindo para o carro, disse ao cocheiro que batesse para o hotel, mas d'ahi a pouco ouviu-se uma detonação dentro do vehiculo. A actriz disparou um tiro no peito, indo a bala alojar-se entre a segunda e terceira costellas, causando uma larga ferida. Os medicos, que não poderam conseguir a extracção do projectil, duvidam que a romantica actriz possa sobreviver. Mademoiselle Zaborie tinha chegado a Bordeus na quinta-feira da semana finda. Fallára duas vezes com o amante e, segundo consta, n'essas entrevistas não denunciára o designio sinistro que tinha projectado.

O alcoolismo.—E' curioso o que o sr. Motet disse ultimamente na *Academia de Medicina* de Paris a respeito do augmento da criminalidade pelo alcoolismo. Eis a estatistica fornecida pelas cadeias de Paris e outras cidades: Entre os accusados de assassinato, 53 por 100 são alcoolicos; entre os réos de incendio ou fogo posto, 57 por 100: nos vagabundos e mendigos, 70 por 100; nos accusados de estupro e ataques ao pudor, 53 por 100; nos presos por violencias, desordens, rixas, 90 por 100.

«N'outro tempo, disse o sr. Motet, emquanto o vinho era natural ou simplesmente addicionado de agua, a embriaguez era alegre e inoffensiva, o bebado cantava.

«Actualmente a embriaguez é brutal e agressiva.

«Uma mãe, referindo-se ao filho, dizia:

— Quando elle bebe, fica como doido e tenho medo d'elle. Quando o pae bebia, tornava-se apenas massador, mas não era offensivo!»

E' esta a expressão da verdade. A embriaguez actual não é a do vinho ou do alcool, mas a embriaguez causada pela absorpção de alcooes carregados de substancias venenosas.

Mulher que mata o marido.—O tribunal correccional de Roubaix condemnou a dois mezes de prisão Maria Luiza Jauquart, a qual, querendo defender-se do marido, o matou, não tendo intenção de o matar.

A accusada beneficia da applicação da lei Béranger.

Epilogo d'um baile.— Em Ternatt, Belgica, os gendarmes quizeram fazer evacuar uma sala onde se dava um baile, mas os que lá se divertiam entenderam que não deviam sahir. Travou-se então lucta e os gendarmes fizeram fogo repetidas vezes para dentro da sala, ferindo gravemente muitas pessoas.

Terrivel desastre em Valencia.—Dizem de Valencia que no sabbado occorrera n'aquella cidade uma grande desgraça. Um carro americano, com passageiros, ao passar por um certo ponto, foi apanhado por uma das locomotivas que fazem o serviço de balastro nas obras do porto. Do embate resultou ficar o carro em estilhas, e mortos tres passageiros, feridos gravemente cinco e mais levemente oito. Este desastre causou em Valencia penosa impressão.

Terrivel explosão.— De Metz noticiam o seguinte terrivel accidente succedido em Phalsburgo. Algumas creanças que andavam a brincar, pozeram fogo a muitos toneis de polvora que o empreiteiro encarregado da demolição da porta de França tinha em deposito. Na explosão, que foi espantosa, morreram tres creanças. Os prejuizos materiaes foram importantissimos.

Conflicto entre indios mahometanos. — Por occasião de um casamento indu e de uma festa mahometana, os dois sequitos das duas religiões encontraram-se em Posbandar, no estado indigena de Kathianar. Os indios atacaram e fizeram encurralar na sua mesquita os fieis seguidores do *alcorão*. Só decorridas oito horas é que as auctoridades poderam pôr termo á refrega. Houve 3 mortos e 184 feridos, dos quaes 12 gravemente, na maioria mahometanos.

A cidade de Ur.—Em Urfah, pequena cidade ao norte de Alepo, foram descobertas as ruinas de um velho templo, que se julga ser do tempo dos Chaldeus. Urfah, o *Castellum Ur*, dos romanos, passava já por ser a *Ur* dos chaldeus, logar onde nasceu e é ainda a lingua chaldéa que os christãos, como em todas as congregações dependentes da antiga egreja assyria, usam nas praticas religiosas, bem que o arabe seja a unica lingua empregada nos usos da vida.

Um jornal em latim. —Em Philadelphia, cidade de um milhão de habitante, publica-se actualmente um jornal redigido em latim, não obstante o descredito d'essa lingua, como lingua scientifica. Intitula-se *Præco Latinus*. N'esse jornal vem publicada uma versão latina de *Robinson Crusoé*, feita em 1805, por Goffaux, que era um latinista distincto. A edição esgotou-se e o editor do jornal reproduzindo esse livro rarissimo, prestou serviço valioso ás letras.

Varias noticias. — Dizem de Berlim que o dr. Kansom, collaborador do professor Behring, descobriu um sôro anti-cholerico. Parece que as experiencias feitas nos animaes déram resultados satisfactorios.

— A rainha Margarida, de Italia, offereceu á princeza Helena, duqueza de Aosta, pouco depois da sua chegada a Roma, uma collecção de maravilhosas readas, que a soberana italiana apresentára na ultima exposição de Chicago e que prendeu alli extraordinariamente a attenção.

— O general Fuentes, o auctor da aggressão contra o embaixador de Marrocos, facto occorrido em fevereiro em Madrid, vai ser internado em um hospital de alienados, pois os medicos militares consideram-o como desequilibrado.

— O principe D. Luiz de Orléans e Bragança, filho segundo dos condes de Eu, fez ultimamente em Pariz o exame de bacharelado do ensino secundario classico (lettras e mathematicas). Foi plenamente approvado.

— Em Salzburg, Austria, falleceu o conde Maximiliano O'Donnell que, ha 42 annos, salvou a vida do imperador Francisco José, nas seguintes circumstancias: O soberano passeava nos baluartes com o seu ajudante de campo Maximiliano O'Donnell, quando um antigo hussar, Lasso Emenghi, lhe vibrou uma facada na nuca, e tentou repetir o golpe. O'Donnell interveio e fez cahir a arma ao assassino, que esteve para ser lynchado pela multidão. Quanto a O'Donnell, em recompensa do seu acto, foi agraciado com o titulo de conde.

COMMUNICADOS

Sr. redactor.—Apoz dez dias de treguas, voltamos á carga afim de mais uma vez mostrarmos aos amaveis leitores d'esta apreciada folha jornalistica, que as prepotencias, os escandalos, as barbaridades praticadas pela maldita grei regeneradora que actualmente envenena esta miseranda terra, não cessam. D'esta vez, sr. redactor, começamos por mostrar quão prejudicial é a permanencia aqui, dos *vultos* de quem tantas vezes nos temos occupado.

Embora os poderes constituidos (de quem nada ha esperar é certo), não tenham dado ouvidos ás nossas merecidas queixas, não deixaremos por isso de bradar bem alto, e com todas as forças que nos assistem, contra tudo que nos amesquinha, e consinta que gemamos debaixo d'um jugo infernal implantado por individuos, embora de baixa esphera, mas que se consideram acima de tudo que ha superior na sociedade. Não somos só nós, sr. redactor, os prejudicados, é o publico em geral, e são-no finalmente os haveres do Estado, e a prova ahi vae.

Entre a Batalha e Leiria ha uma distancia não inferior a onze kilometros, as quaes terras se acham ligadas pela primeira estrada, que se construiu no paiz. Os habeis architectos que a construiram, acharam de summa vantagem e até indispensavel fazer em differentes partes d'ella grandes muros de suporte, para assim evitar que as aguas pluviaes a damnificassem. Acontece, porém, que o *muito digno* director das obras publicas d'este districto José Maria, ha por bem, não sabemos devido a que, alagar por completo esses inevitaveis muros, dando logar a que esta tão util estrada, se torne dentro em pouco tempo intransitavel. Chamamos a isto, sr. redactor, primeiro do que tudo, um desperdicio e depois uma falta de respeito devido aos habeis technicos, que com certeza se vangloriam de terem tão maravilhosamente construido a primeira via do paiz. Tão má impressão tem causado no animo publico este procedimento que, achando-se a mesma estrada lindamente arborisada, formando em pontos soberbas alamedas, as magestosas arvores, acham-se hoje na sua maior parte destruidas, devido com certeza á pessima administação em que se encontram todas as obras dependentes da direcção d'este districto. Por outro lado, sr. redactor, os vandalismos succedem-se: Ainda ha pouco, na noite de 14 para 15 do corrente, appareceram nas paredes do sumptuoso monumento da Batalha, a coisa que n'esta terra mais se respeita e estima, uma immensidade de grandes cruzes pretas, symbolo, com certeza da sympathia, que os seus auctores dedicam áquelle director de obras publicas.

Mas o sr. João Maria (sem ser o sapateiro) não se deve admirar de o mimoseare n com esta falta de respeito, pois vê-se que este *sr.*, o seu verdadeiro cuidado é esbanjar, e menosprezar tudo o que ha de apreciavel, por isso não deve levar a mal dos outros lhe seguirem as pizadas: tanto n'um como n'outro caso. O que nos resta ver é se o sr. João, consegue os malevolos fins que a sua fatal *cachola* acaba de conceber. Este heroe em paga de todos os favores que ha recebido dos pobres operarios do monumento, que constantemente trabalham em seu proveito, promette agora, ufano e altivo, de que não sahirá d'aqui, sem que deixe as obras do monumento fixadas.

Escusado será dizer-se, sr. redactor, que ao conseguir o perverso tal fim, deixaria reduzidos á miseria 40 familias que diariamente auferem de taes obras os meios para o seu modesto alimento!!... Está demonstrado o prejuizo que este *vulto* está dando ao estado e ao infeliz povo Batalhense!... podendo ainda dizer-se que ao continuar na direcção de obras publicas d'este districto teremos fatalmente de qualquer dia relatar algum incidente ainda menos agradavel que aquelles, que com bastante magua, por varias vezes temos relatado! Mas d'isto só diremos... vá a responsabilidade a quem toca; pois a individuos d'este jaez não se devem n'um paiz civilisado, conferir logares de tamanha importancia. Ainda assim cremos, que com tal governo e com taes adeptos, tudo seja possivel, que o nosso heroe não conseguirá tal fim.

Por hoje nada mais. No proximo numero nos occuparemos dos satelites do sr. João.

Batalha, 23—7—95.

Z

SECÇÃO AGRICOLA

O SULFATO DE COBRE

Com o incremento que n'estes ultimos annos tem tomado o emprego dos saes de cobre na agricultura, principalmente para o tratamento das vinhas e das batatas, tem-se levantado duvidas a respeito da influencia que estes saes accumulados no sólo possam vir a exercer no futuro, não só sobre a fecundidade do sólo, mas ainda sobre a qualidade dos productos.

Com o fim de esclarecer esta importante questão, o sr. Aimé Girard incorporou em um tracto de terreno uma quantidade de sulfato de cobre equivalente á que alli poderia ser accumulada durante um seculo pela cultura da batata ou da vinha, e que corresponde a 1:500 kilogrammas por hectare. Dividiu depois este terreno assim preparado em seis quadrados, nos quaes semeou respectivamente trigo, aveia, trevo, feno, batatas e betarrabas, e para estabelecer um termo de comparação cultivou as mesmas plantas pelos processos ordinarios, em um terreno proximo de igual extensão e dividido da mesma maneira.

Nas culturas feitas nos annos de 1892, 1893 e 1894 os rendimentos dos dois tractos de terreno foram identicos, parecendo até haver em 1893 um excesso de producção no terreno que continha os saes de cobre, em relação ao outro. Quanto aos fructos, depois de bem lavados foram queimados e as suas cinzas analysadas chimicamente. Em duas analyses obtiveram se 2 milligrammas de cobre, e nas restantes não foi possivel dosear o cobre, tão pequenas eram as quantidades d'este metal contidas nos vegetaes. Como no jornal *La Nature*, d'onde extrahimos esta noticia, não se indicam nem o numero das analyses feitas nem a porção das cinzas que continham as 2 milligrammas de cobre, o que portanto não permitte determinar a percentagem d'este metal; nem tão pouco se menciona o vegetal em cujas cinzas aquelle metal foi encontrado, assim como tambem se não indica a composição nem mesmo a natureza do terreno que foi empregado para as experiencias, muito conveniente seria, para completo esclarecimento das duvidas levantadas, repetir as experiencias do sr. Aimé Girard em terrenos de differentes naturezas e composições, comparando com o maior cuidado os resultados obtidos, para assim determinar, com o maximo rigor, a influencia que a natureza do sólo póde ter sobre a quantidade de saes de cobre absorvida pelas plantas, e se ha plantas mais susceptiveis de fixar o cobre do que outras, quaes são essas plantas e quaes nos differentes casos as percentagens do cobre fixado. E, se se quizesse ir mais longe ainda, alimentando animaes com essas plantas poderiam tambem conhecer-se os effeitos physiologicos ou pathologicos de uma semelhante alimentação.

*

O sulfato de cobre, que é por emquanto o remedio da moda para a cura das molestias dos vegetaes, está em via de adquirir os fóros de panacéa para a cura e até para preservar as plantas e os fructos de todas as molestias, taes e tantos são já os casos em que, segundo as experiencias relatadas por differentes agricultores, o sulfato de cobre tem posto em evidencia as suas maravilhosas propriedades curativas e prophylaticas.

Hoje vamos accrescentar á extensa lista das applicações d'este sal, mais uma que é recommendada pelo sr. H. Defresne. Segundo este agricultor, por meio do sulfato de cobre podem preservar-se as peras das molestias cryptogamicas; basta para isso, banhar estes fructos tres ou quatro vezes durante o periodo do seu desenvolvimento com soluções cada vez mais concentradas de sulfato de cobre, procedendo do modo seguinte:

Para o primeiro banho, que deve ser dado ás peras quando ellas teem o volume d'uma noz, emprega-se uma solução que deve conter 200 grammas de sulfato para 100 litros d'agua. Para o segundo banho, que deve ser dado quinze dias ou tres semanas depois do primeiro, a solução deve conter 400 grammas de sulfato de cobre para 100 litros de agua. O terceiro banho será dado quinze dias ou tres semanas depois do segundo, com uma solução contendo 600 grammas de sulfato para 100 litros de agua.

Com esta ultima solução póde ainda dar-se quinze dias ou tres semanas depois um quarto banho. Este tratamento, segundo diz o *Lyon Horticole*, d'onde extrahimos esta noticia, tem produzido os melhores resultados sobre as peras e póde tambem ser applicado com vantagem ás maçãs.

SECÇÃO LITTERARIA

APENAS...

(N'UM ALBUM D'UMA JOVEN)

(*Reproducção*)

Se, d'entre as mimosas flôres
de uma belleza sem fim,
dos mais suaves odores
n'um teu formoso jardim,
rude tojo vejetasse,
que esse jardim desfeiasse,
que deverias fazer?
—Arrancal-o e sem demora
expulsal-o para fóra,
para nunca mais viver.—

E, se as flôres da poesia,
no teu «Album» vês brilhar,
triste sorte caberia
ao que fosse aqui traçar!
A folha, onde eu escrevera,
Ser arrancada devera
como o tojo, que brotou
por entre as flôres mimosas
e que ás plantas mais formosas
a formosura roubou.

Por isso, meiga donzella,
deves antes escolher
quem, n'outra edade mais bella,
possa melhor escrever;
quem viva na mocidade;
quem não viva da saudade,
como só viver eu sei;
quem tiver estro e talento
e não soffra o desalento
que na vida sempre achei!

E, se em tempos mais ditosos,
em que a lyra quiz pulsar,
não fiz versos, que, mimosos,
aqui podessem brilhar;
se cantar sómente pude,
em estylo pobre e rude,
as magoas do coração,
tambem hoje, apenas, quero,
cordeal, como sincero,
dar-te um aperto de mão.

RANGEL DE QUADROS.

O JOGO

AO MEU AMIGO L. A. D'ALMEIDA SARAIVA

Já pelos copados arvoredos chilream e esvoaçam as avesinhas e o arrebol da aurora tinge de vermelho o azulado firmamento, O dia rompe alegre e festival, como um dia de primavera, ao som d'essas harmonias de mago transporte, que só a natureza, com suas galas, e as avesinhas, com seus trinados, sabem entoar ao rei do universo. Toda a natureza sorri, com essa alegria casta e suave, que assoma aos labios da creancinha, ao despertar matutino, entre beijos e caricias maternaes. E se tudo, ao que parece, sorri, alguem ha todavia, que, immersa em vagas contemplações, mergulhada na dôr de um viver amargo, d'um viver que, dia a dia, se lhe torna mais cruel e mais acerbo, não póde admirar tantas bellezas, porque o seu espirito—por natureza debil—está fatigado de contemplar os horrores das trevos d'uma noite infinitamente longa e cruel!

*

O barão de *** possuia, ha cinco lustros, uma fortuna consideravel, e um ultimo legado de seus avós havia-o constituido millionario. Faltando-lhe desde verdes annos a direcção paterna, de que uma morte prematura o havia privado, roubando-lhe os entes, que mais o estremeciam, Armando vivera sempre sob a influencia d'uma liberdade desmedida; e seus avós, digamol-o de passagem, amavam-n'o de mais, para obstarem á satisfação dos seus estravagantes caprichos. Muito rapaz ainda, desposou uma dama respeitabilissima, que por sua parte julgava encontrar, nos solares avoengos de Armando, a realidade de quantas fantasias a imaginação e o verdor dos dezesete annos pódem conceber!

A lua de mel decorrera alegre e feliz, povoada de sonhos e chimeras, e com os encantos e attractivos, que uma longa digressão pelas mais importantes capitaes da Europa lhes podia proporcionar. Mezes depois do seu regresso ao castello de... Armando sentia-se oppresso, e, enfastiado já d'aquelle meio para que elle não tinha muita vocação, entendeu, que devia offuscar o facho brilhante da falicidade, que illuminava aquelles dois corações; e, apesar das considerações de que o titular gosava e preconceitos, que deveriam sustal-o, eil-o novamente na senda dos seus anteriores desvarios:—entre outros era... jogador!

A colossal fortuna do barão resentia-se consideravelmente de dia para dia, e, todavia a funesta cegueira, que deveria perdel-o, não lhe deixava medir as consequencias, desastradas da sua enorme queda. O barão jogava e jogava sempre, sem vacillar, em face d'um abysmo em que estava prestes a sumir-se... E' por isso que a pobre senhora —a baroneza de *** — no longo decurso de uma noite amarga soffreu e soffreu muito, sem jámais conciliar a tranquilidade de seu espirito, porque a cada hora, annunciada do alto do campanario, era mais uma fibra, que se despedaçava no seu coração de esposa e de mãe!

A baroneza comprehendia a cegueira do irreconciliavel dissipador e temia por isso—com razão — o desenlace funesto de tantas orgias, que arrastariam natalmente á sua completa ruina! A hora fatal devia soar... depressa! Em breve a Indigencia e a Miseria—de braço dado — deveriam atravessar seus vastos salões e atirar-lhe ás faces o sarcasmo da ignorancia.

— «Senhora, já fosteis poderosa e rica, e então o vosso nome e a vossa nobreza echoavam tão alto e tão longe, que mal podiamos ouvir as auras que transportavam o echo da vossa grandeza; hoje sois pobre; já hoje vimos fazer-vos companhia e segredar-vos de mansinho, que a vossa sorte mudou e que este palacio—unico que possuieis—já não é vosso!»

A baroneza não se illudia nos seus pressentimentos. A' noite, que para ella decor-

rera tão cheia de amarguras, devia succeder-se um dia primaveral, um dia alegre e festivo, rompendo entre o chilrear dos passarinhos e as canções da natureza, para exacerbar mais e mais o seu viver atroz e despedaçar-lhe a alma com a cruel noticia da sua completa ruina.

O barão jogára toda a noite; e a sua cegueira, destruindo a sorte e futuro dos sous, cavára-lhe profundo abysmo, que a elle proprio absorverá. E, como estas, quantas victimas se não arrastam pelo lodaçal da miseria, onde a cegueira do homem desapiedadamente as precipitára?! Quantos titulos e fidalguias d'outr'ora não desappareceram já envoltos nas trevas do esquecimento?... Qual a origem de tantas metamorphoses sociaes?

— Entre outras—o jogo, essa paixão cega, que domina, arrasta e transforma o homem, que lhe obscurece a luz da felicidade e lhe aponta a voragem d'um abysmo immenso que se denomina Miseria!

Augusto Costa.

CARTA DE LISBOA

26 DE JULHO DE 1895.

O paiz reage. Já não vae sem tempo. Tem o governo pessoal d'el-rei procedido por tal fórma na gerencia dos negocios publicos, que a paciencia dos povos, por de mais excitada e finalmente extincta, vae dizer tambem agora da sua justiça.

Em tres annos de loucuras, que nos tem arrastado ao descredito em que estamos, que nos tem conduzido á baixa esphera em que habitamos desde ahi, retrocedemos aos sombrios tempos do imperio do absolutismo, que outra coisa não é o regimen em que vivemos.

Falla-se em crise; em que sahirá só o ministro da marinha; em que na sua quéda, por demais vergonhosa, arrastará os companheiros; em que se degladiam já todos uns contra os outros; em que o rei chegou, finalmente, ao conhecimento do logro em que vivia com tal gente e porisso quer substituil-a; em que, sob o reinado do arbitrio, é que o soberano vive bem; em summa tanta coisa se diz nos centros politicos, que ninguem sabe ao certo o que succederá ámanhã. O que é fóra de duvida é que o governo se arreceia do estado de exaltação em que se encontra o espirito publico, e porisso manda acutillar o povo nas povoações affectadas que teem a ousadia de protestar contra a senha dos dictadores.

O dia de ámanhã, que ninguem sabe o que será, é um ponto escuro nos horisontes da patria. Nada se descortina ainda atravez do véu espesso em que se envolve. Póde ser triste como um presagio, e póde ser bom como um sorriso. De qualquer fórma que seja, porque a revolução dos espiritos está feita, a reacção, o despertar do leão dormente, vae ser terrivel. E' vêr as queixas sem numero que de toda a parte se erguem contra a marcha dos negocios, os protestos energicos com que os povos receberam a ultima affronta do governo. Deus vele pela patria, tão rudemente ameaçada!

Já ahi devem ter visto a carta com que o digno par, sr. dr. Marçal Pacheco, apresenta tambem o seu protesto contra o systema actual de ferir os mais legitimos interesses populares. O vigoroso parlamentar, que é um caracter nobilissimo, agride, de luva branca, mais violentamente, a situação. Causou aqui uma sensação enorme. Se tiverem espaço, não deixem de apresental-a aos seus leitores.

— Affirma-se que o sr. ministro da marinha procura meio airoso de sahir das difficuldades que o assoberbam, deixando emfim o poder. Para que sáia, os collegas não poupam nenhum esforço. Verem-se livre d'elle é hoje o seu maior empenho.

Crê-se, pois, que não será ministro muitos dias mais. Um collega d'aqui fazendo espirito do caso, diz:

«Dizem que o sr. ministro da marinha foi ás Caldas, outros affirmam que foi para as malvas. Ir para as malvas é cousa parecida com uma viagem ao outro mundo. Oxalá que assim não seja, e que viva por largos annos e bons, no seu querido ministerio.

Tambem consta que o sr. ministro dos estrangeiros foi conferenciar com o sr. ministro do reino. Como o rei está nas Caldas, este não foi para as malvas, foi para o reino do ceu da intriga. Por tudo se deprehende que o sr. Ferreira d'Almeida é ministro encravado. As nossas informações a pouco se reduzem, mas são verdadeiras: O sr. Ferreira d'Almeida vae fazer questão ministerial da sua reforma dos quadros, e da reforma do arsenal. Se não forem acceites, cahirá com ellas. E' uma maneira de cahir como qualquer outra; para a queda de um ministro sempre é bom, e é facil arranjar motivo decente. Ora sendo certo que o ministro da guerra não póde vêr o collega da marinha; que o sr. João Franco tambem não gosta d'elle, e que o dos estrangeiros ha muito que lhe anda arranjando a cama, é fóra de duvida que as reformas não merecerão ser approvadas, o que o sr. ministro da marinha está na vespera do seu trambulhão. E depois é possivel que tudo isto sejam hypotheses, e que o sr. Azevedo Eça perca a partida.»

— Reuniu hontem a camara dos pares, constituida em tribunal de justiça para julgamento do par do reino, sr. Mendonça Cortez. Presidiu o sr. Luiz de Bivar, serviu de juiz relator o sr. conde de Castro e Solla, e de escrivão o sr. Hemeterio Sequeira; representava o ministerio publico o sr. Annibal Martins, e era advogado o sr. dr. Alexandre Serra. Estavam presentes 29 dignos pares. Feita a chamada das testemunhas e reconhecido que faltavam duas, o ministerio publico pediu o addiamento da causa, mas este foi rejeitado. Continuando o processo, foram inquiridas as testemunhas que no geral eram contestes em dizer que o sr. Mendonça Cortez consentira na alienação dos valores que existiam no Banco como caução de operações, mas suppõem ter sido em proveito do mesmo Banco e não dos directores. O sr. Mendonça Cortez disse não ter tido conhecimento dos factos que lhe eram imputados, pois só intervinha nos negocios de alta importancia. Apenas consentiu na venda de uns titulos depositados pelo sr. Francisco de Abreu, isto por consentimento do depositario para acudir ás circumstancias precarias do Banco. Accrescentou, porém, que os factos apontados não teem a importancia attribuida, pois não se tratava de depositos perfeitos, e assim podiam esses valores ser distrahidos momentaneamente e restituidos depois. O ministerio publico pediu a applicação da pena, por a alienação ser feita fóra dos casos permittidos pelas leis e para sustentar o principio da egualdade que manda que a lei seja egual para todos. Foi breve no seu discurso o advogado, limitando-se a dizer que este caso deve ser julgado e considerado improcedente, como o foi para outros directores. Recolhidos os dignos pares, absolveram o sr. Mendonça Cortez, sem custas, e consideraram improcedente o processo contra o sr. Margiochi, accusado de abuso de liberdade de imprensa. Assignaram vencidos, quanto á absolvição do sr. Mendonça Cortez, os srs. Mattos Mendes, Castro e Solla, Velloz Caldeira, Jeronymo Pimentel, Camara Leme e Calheiros de Menezes. O juiz relator disse ao sr. Mendonça Cortez que justificasse com o seu procedimento ulterior a absolvição que he foi dada.

O sr. Mendonça Cortez requereu a sua aposentação de vogal do tribunal de Contas.

— As violencias do governo, que tudo sacrifica ás ambições do mando, fóram até á dissolução da camara de Quelimane, porque na acta lançou um voto de congratulação por ter sido absolvido o sr. conselheiro Augusto de Castilho, que a Quelimane e á Zambezia prestou relevantes serviços, quando foi governador geral de Moçambique. Não ha n'esse voto nenhuma palavra violenta ou offensiva dos poderes publicos. Pois a camara foi substituida por uma commissão municipal de quatro membros, dos quaes dois são membros da camara dissolvida (!), um está ausente em Lourenço Marques ha muito tempo, e o quarto é machinista da armada, embarcado a bordo do vapor *Auxiliar* (!). Não se acredita, mas é verdade, commenta um defensor do bom governo que nos governa.

— O juiz do tribunal do commercio, indeferiu um requerimento do sr. visconde de Asseca para se embargar a reunião da assembleia geral dos accionistas da companhia do Nyassa, convocada para o dia 29 do corrente.

Os tribunaes, com os brilhantes exemplos do governo, supõem-se no direito de julgar tudo consoante o que mais lhes convem. Quando sahiremos d'este obnoxio regimen?

— Reuniu na quinta-feira ultima, a junta geral das missões ultramarinas, para ser ouvida ácerca da proposta do rev.^mo^ prelado de Moçambique sobre a creação de uma missão na sua diocese. Lembra elle differentes pontos como Medo, na região do Cabo Delgado, bastante povoada e no caminho do Nyassa e da bahia de Fernão Velloso, além de Moçambique; e áquem junto do rio Infussi, Macanga e Manica, sendo a sua indicação principal para este ponto. Estabeleceu-se extensa discussão sobre qual seria o ponto mais conveniente, surgindo algumas divergencias, sendo o ponto dominante Manica. Nada, porém, ficou resolvido. A missão proposta pelo rev.^mo^ prelado de Moçambique é de Trappistas, que para isso se offereceram. A discussão havida, foi principalmente entre os srs. conselheiro Elvino de Brito e Fernando Pedroso, querendo aquelle todas as garantias para que a missão tenha caracter portuguez e entendendo este que isso era uma suspeição. A offerta de Trappistas será acceita, mas com a condição de se arvorar a bandeira portugueza e ter a missão junto a si um missionario portuguez para a fiscalisar e ao mesmo tempo aprender com ella. O sr. conselheiro Elvino de Brito ficou encarregado de apresentar parecer sobre o assumpto; mas é provavel que se siga a indicação do rev.^mo^ bispo de Himeria.

— Parece que sua magestade a sr.ª D. Maria Pia e o sr. infante D. Affonso vão passar algum tempo á praia da Granja.

— Surge agora, com relação ao caso do Nyassa, um requerimento, firmado pelo sr. dr. Levy Marques da Costa, como advogado do grupo a que preside o sr. visconde de Asseca, pedindo que se proceda a corpo de delicto com respeito a alguns factos apontados na consulta da Procuradoria Geral da Corôa, e accusando o grupo a que preside o sr. João Arroyo de irregularidades graves. Está toda a gente a ver que nem assim a justiça procederá contra Arroyo & C.ª. O governo é pae de misericordia para os amigalhotes, mas o sr. dr. Moncada, delegado do procurador régio, é que se não colloca em bom caminho protegendo a pretenção do governo, que é a impunição dos criminosos.

— A fim de inspeccionar alguns pharoes e assistir á inauguração, no domingo proximo, do novo pharolim de Leixões, vae partir para o norte o official de marinha sr. Gomes Coelho, chefe da 6.ª repartição do Almirantado. O novo pharolim é de aspecto e caracter identico ao anterior, illuminando 360 graus com sector branco de 90 graus, indicando o accesso ao porto, e um sector encarnado abrangendo os restantes 270 graus de horisonte. O vapor *Lidador*, que deve estar em Leixões no dia 28, determinará praticamente o alcance da luz que, theoricamente, está calculada em 10 milhas para o estado médio da atmosphera.

— Mais subsidios. Para isto está o cofre das graças sempre aberto. Contentam-se assim amigos. Foram concedidos: ao Asylo de Costureiras, 68$400 réis; Albergue dos Invalidos do Trabalho, 938$160; Misericordia de Grandola, 160$958; Misericordia de Aldegallega do Ribatejo, 264$391; Misericordia de Cezimbra, 139$500; 220$ para a construcção da sala de gynecologia do hospital de Coimbra. E' um nunca acabar de favores aos afilhados. Temos governo para tudo.

— Consta que, em virtude das ultimas informações recebidas, vão ser declarados inficcionados de cholera-morbus os portos do Japão e da ilha Formosa, onde está grassando aquella terrivel epidemia.

— Por proposta do conselho da faculdade de direito da Universidade de Coimbra, vae abrir se concurso, por 60 dias, para o provimento de seis cadeiras vagas da mesma faculdade.

— O sr. cardeal patriarcha resolveu ministrar directamente ou pelos seus capellães os sacramentos a indigentes, que justifiquem a sua pobreza, quando os parochos não queiram administral-os gratuitamente.

— O sr. ministro da fazenda conformou-se com o parecer dos directores geraes e chefes do seu ministerio, sobre a proposta do fornecimento de generos alimenticios aos funccionarios publicos. Os promotores d'este negocio procuraram hontem o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, para saber a resposta. Foi-lhes dada em sentido negativo,

— Reune hoje a commissão encarregada de verificar se a obra de marmore nacional de Eduardo Cypriano dos Santos é ou não conveniente ser adquirida para o muzeu industrial.

— A Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal registou hontem, na repartição de industria, 15 medalhas e recompensas obtidas em diversas exposições nacionaes e estrangeiras.

— O conselho do almirantado ainda não pediu a sua exoneração, continuando a servir com o sr. Ferreira de Almeida, que para cima d'elle empurrou toda a responsabilidade do *estupendo caso* Marques da Silva.

— Para o sr. dr. Assis Brazil, ministro do Brazil, chegaram de Londres duas gordissimas vaccas normandas, avaliadas em 270$000 réis.

— Foi hontem assignada uma portaria, estabelecendo varias providencias quanto á collocação do pessoal de fazenda e quanto ao modo de fazer a transição dos respectivos serviços dos concelhos e comarcas supprimidas.

— Foram expropriadas mais as fabricas de phosphoros da Companhia de Phosphoros Portugueza, de Alcantara; e Leiriense, de Leiria.

— A representação da camara de commercio, pedindo a reducção das taxas das mercadorias para Moçambique, foi hontem entregue ao sr. ministro da marinha pelo sr. Pinto Bastos.

— O rev.º Carvalho Avila, vigario da egreja de Nossa Senhora de Belem, pediu licença para se ausentar do reino, indo aos Estados-Unidos da America do Norte.

— Foi mandado inspeccionar o sr. barão da Costa Ricci, que pediu a sua aposentação.

— Foram nomeados amanuenses da Junta do Credito Publico os srs. Jorge Andermath e Silva e Alvaro Saldanha de Castro; e aspirantes os srs. Affonso dos Santos Sanches e Duarte Sieuve Nogueira de Lacerda.

— O régulo Ginga, acompanhado de 200 pessoas, foi ha pouco a Malange (Africa occidental) prestar vassallagem a Portugal.

— Já tomaram posse dos seus cargos o novo presidente da relação de Gôa, sr. dr. João José da Silva, e o delegado do procurador geral da corôa de Salsete.

— Reuniu hoje, novamente, a commissão de pescarias. Para quê? De que serve isto, se não tracta do essencial, que é a proposta da remodelação do imposto do pescado?

— Está em Lisboa o sr. governador civil de Beja.

— Entrou hoje a barra um vapor de recreio italiano. Está fundeado em frente do Terreiro do Paço.

— O *comité* de Pariz dos obrigacionistas da Companhia Real dos Caminhos de Ferro resolveu, em sessão de 20, que a assembleia geral dos obrigatarios se realisasse n'aquella capital no dia 12 de agosto.

— A minha carta ultima, sahiu com variados erros typographicos, sendo o maior a falta de palavras notada no ultimo periodo da primeira parte. Pois eu escrevi-as. O que vale, é que o leitor terá corrigido a falta.

—O *Diario* publica ámanhã os seguintes despachos de telegraphos:

José Antonio Cidraes, fiel dos serviços telegrapho-postaes de Leiria, e Theotonio da Silva Araujo Winchler, primeiro aspirante do quadro telegrapho-postal, auctorisada a permutação dos seus respectivos logares, como requereram.

Collocando os aspirantes auxiliares abaixo mencionado nos logares que respectivamente lhes vão designados:

Lindolpho Silverio Navarro, na estação telegraphica central de Lisboa

Antonio Rocha Manso, na estação telegrapho-postal de Coimbra.

Antonio Gomes Lima, na estação telegrapho postal de Villa do Conde.

Luiz José Baptista, na estação telegrapho-postal de Coimbra.

João Roque da Silva, na estação telegraphica central de Lisboa.

José Joaquim Alves da Motta, na estação telegrapho-postal de Amarante.

Antonio Augusto Saraiva Guerra, na estação telegraphica central do Porto.

Antonio Joaquim de Araujo, na estação telegrapho-postal da Guarda.

Ruben Dias da Conceição, na estação telegrapho-postal de C. Branco.

Antonio Ferreira Pena, encarregado da estação telegrapho-postal de Condeixa, exonerado por assim o haver pedido.

Adelino Vieira Magalhães Bastos, ajudante supranumerario da estação telegrapho-postal de Chaves, exonerado.

Frederico Galhardo, 1.º aspirante, que actualmente serve na estação telegrapho-postal de Celorico de Basto, transferido para a estação telegraphica central de Lisboa.

José dos Anjos Podroso, aspirante auxiliar com exercicio na estação telegraphica ceatral do Porto, transferido para a estação telegraphica central de Lisboa.

Y.

CARTA DE COIMBRA

22 DE JULHO DE 1895.

Continuam as dissidencias entre alguns lentes e alguns academicos, que são redactores de periodicos d'aqui. Agora entrou no campo da discussão o sr. Antonio José d'Almeida, intelligentissimo quintanista de medicina e um dos jornalistas de maior vulto que ultimamente tem apparecido. O sr. Antonio d'Almeida atira-se, mas d'uma fórma delicada, alevantada e nobre, ao sr. dr. Augusto Rocha, lente de medicina, por este cavalheiro lhe dirigir na *sala dos capéllos*, ainda que indirectamente, umas *piadinhas*, com as quaes o sr. Almeida julgou offendida a sua dignidade. Depois d'uma sova dada em fórma e á antiga portugueza, termina o novel medico o seu artigo, publicado na *Resistencia* de hontem, da seguinte fórma:..... «Se, todavia, s. ex.ª quizer, desde já, entrar no campo do desforço, que é inevitavel, tem-me ao seu dispôr.» Isto, dito por um discipulo a um professor, na occasião em que este tem de ajudar a conferir-lhe um diploma importantissimo, como é o de medico, é na verdade para admirar! Isto mostra á evidencia que o sr. Antonio José d'Almeida é um dos caracteres mais independentes e dos academicos mais distinctos e conhecedores do seu valor, que tem frequentado a nossa Universidade. Por outro lado tambem por aqui se vê que é errado o caminho que alguns lentes vão seguindo, dando occasião a que os seus discipulos, que os deveriam tratar como deve ser tratado um pae carinhoso, venham para a imprensa mostrar publicamente que na Universidade de Coimbra, feliz ou infelizmente, a unica de Portugal, ha uma grande dissidencia entre os mestres e os discipulos. Se nós achamos este procedimento baixo, como poderá ser classificado pelos outros povos civilisados?! Vamos mal assim; e, se continuarmos, chegaremos a um estado de abatimento moral de tal ordem, que já não será possivel levantal-o á altura em que sempre devera ter estado. Continuem e esperem-lhe o resto.

— No lyceu d'esta cidade, onde continuam os exames, tem havido e continuará a haver, reprovações sem numero. Ha dias em que os examinandos ficam todos reprovados! Que quererá isto dizer?!... Será signal de haver exames em outubro, e de se dar bôa gratificação aos membros dos jurys?!...

— O sr. Claudino d'Aguilar, aspirante telegrapho postal, em serviço aqui, foi auctorisado a construir um transmissor automatico, sua invenção, que servirá para chamar as estações.

— A mudança de horario dos caminhos de ferro foi de grande conveniencia para esta cidade, e para aquelles que precisem vir aqui tratar qualquer negocio e desejem voltar no mesmo dia. Assim já o podem fazer.

— Terminaram os exames na escola industrial *Brotero*. Houve cadeiras muito mal frequentadas, havendo, por isso, muito poucos alumnos habilitados para exames, e não havendo nenhum em algumas. E é com esta escola e outras congeneres que o governo gasta annualmente centenares de contos, emquanto que as primarias estão a *morrer de miseria*... Desenganem-se por uma vez; emquanto as escolas primarias não merecerem aos governos algum cuidado, será um completo disparate andarem a gastar dinheiro com escolas industriaes, agricolas, etc. Sem principios de educação, não se póde ser educado.

— E' do nosso estimado collega *A Ordem*, a noticia que se segue. Leiam e pasmem:

OS MARCHANTES EM COIMBRA

«Não cessam as reclamações contra o que se está passando com a venda da carne pelos marchantes d'esta cidade. Foi nomeada uma commissão municipal, a qual está incumbida de apresentar uma reforma para regularisar o minimo preço das carnes verdes, tomando para modelo a venda nos açougues do Porto e Aveiro onde os direitos de consumo são superiores aos que se pagam n'esta cidade.

E' de maxima urgencia que se adoptem providencias para reprimir os exaggerados lucros que estes industriaes auferem, pois que agora não é só o elevado preço porque a carne se vende, é tambem a falta de pezo desde que abateram 20 réis em kilo.

Se realmente a illustrada camara trata de reprimir estes abusos, lançando mão do systema de arrematação ou da abertura de talhos reguladores, caso os marchantes não cheguem a um accordo amigavel, muito bom serviço prestará aos habitantes d'esta cidade, que hão de acolher á sua resolução com os encomios que merece.»

Reisête.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

Continuam, dizem despachos do Rio de Janeiro, a agitação e protestos contra a occupação da ilha da Trindade pelos inglezes. Sempre os inglezes na pirataria infame!

A Trindade é uma ilha despovoada, situada a 59º graus de longitude occidental do observatorio de Greenwich, e a 3.º de latitude meridional. Esta ilhota é formada pelo rio Amazonas, e acha-se no interior da republica brazileira. Se os inglezes se assenhoreassem da Trindade, seriam os arbitros do commercio da vasta zona do Amazonas e dos seus affluentes, quasi todos navegaveis em grande extensão do seu curso.

Rio de Janeiro, 25, tarde.—Reina grande excitação em S. Paulo por causa da occupação da ilha da Trindade. Houve já uma tentativa de ataque contra o consulado britannico.

Rio de Janeiro, 25, noite.—Tem havido aqui demonstrações populares nas ruas contra a occupação da ilha da Trindade pelos inglezes. A policia tem impedido que rebentem desordens, apesar das excitações dos jacobinos.

*

Madrid, 27.—A columna do tenente-coronel Tejero, encontrou a partida de Quintin Bandera, derrotando-a e causando-lhe 40 baixas. As tropas tiveram 3 mortos e 7 feridos.

Saint Nazaire, 27.— O couraçado *Massena*, de 11:800 toneladas, bateu n'umas rochas, encalhando. Espera se que na preamar o navio seja posto a fluctuar.

CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA

285, 287, 289, 291, 293—RUA DO OURO

LISBOA

ANNUNCIOS

HOTEL DOS CUCOS

JUNTO DA ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO

TORRES VEDRAS

REABRE no dia 15 de maio este bem conhecido hotel, especialmente frequentado pelas pessoas que fazem uzo das thermas dos Cucos e das aguas medicinaes da Fonte Nova.

O Gerente,

Ernesto Nobre.

JUIZO DE DIREITO

DA

COMARCA DE AVEIRO

Arrematação

2.ª PRAÇA

Por este juizo, cartorio do escrivão do terceiro officio e nos autos de acção executiva que a Camara Municipal, de Aveiro, move contra João Mertolo, de Arada, vae á praça para ser arrematado por quem maior lanço offerecer acima de metade da sua avaliação, no dia 28 do corrente, por 12 horas do dia á porta do tribunal da comarca, no largo Munipal:—uma faixa de terreno inculto, sito no Coimbrão, junto á estrada que d'Aveiro vae para a Palhaça, avaliada em 10$000 réis. São citados os credores incertos.

Aveiro, 19 de julho de 1895.

O escrivão de direito do 3.º officio,

Antonio Augusto Duarte Silva.

Veriquei.

O juiz de direito,

Mello.

MARINHAS

QUEM pretender comprar as que foram do fallecido visconde de Almeidinha, denominada Fornos, Serradinho, Vinte e Sete dos Carramanetes, Ponte de Cima, Ponte de Baixo, sitas na ilha do Poço, na ria de Aveiro, dirija-se a Paulo de Mello Magalhães, residente em Aveiro, na rua de S. Sebastião.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

MANTEIGA NACIONAL

FABRICA

EM

PRAIA D'ANCORA

EMPREZA

CANNAS AFFONSO & C.ª

MARCA REGISTADA

Grande exploração de productos de lacticinios. Manteiga de purissimo leite, fabricada pelos mais modernos processos.

N. B.—Esta manteiga entra no mercado para combater a ruinosa e perigosa concorrencia das margarinas estrangeiras, e dos productos mal fabricados no paiz, vendendo-se por um preço altamente vantajoso para o publico.

Garantia escrupulosa no fabrico, e na pureza do producto, eis o ideal d'esta empreza.

Pede-se aos nossos consumidores que se acautellem com as imitações das marcas, d'outras emprezas.

Deposito em Lisboa na Calçada do Marquez d'Abrantes, 8, á venda nos Grandes Armazens do Chiado e em varias mercearias. No Porto, Rua das Flores, 124, e nas principaes mercearias, confeitarias e lojas de chá.

Em Aveiro no estabelecimento do sr. Domingos Pereira Guimarães, rua de José Estevam.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a

Cannas Affonso & C.ª

PRAIA D'ANCORA

GRANDE DEPOSITO

DE

SULPHATO DE COBRE E PULVERISADORES

J. D. Sereno & Filho, de Bustos, com deposito em Oliveira do Bairro, importaram directamente de Inglaterra e França, uma grande quantidade de barricas de sulphato de cobre de primeira qualidade, garantido, com 99 e 3/4 0/0 de sulphato puro, como do certificado de analyse; e pulverisadores—Excelcior—de Gobet—o que ha de melhor, mais seguro e mais perfeito, que vendem ao junto e para revender, a preços sem competencia.

Recebem encommendas directamente, que satisfazem de prompto para todo o paiz.

ATTENÇÃO

ANTONIO Mendes Diniz Fragoso Belem, participa aos seus numerosos freguezes que chegaram ao seu estabelecimento os seguintes artigos:

Manteiga ingleza, 1.ª qualidade.

Chá Hyson, 1.ª qualidade.

Peixe sortido, em latas.

Champagne, cognac, genebra e vinhos do Porto da antiga e acreditada casa Ayres & Filhos.

Bacalhau Noruega.

Grande e variado sortido de amendôas e outros artigos adequados á presente epoca.

Preços sem competencia.

LARGO DA PRAÇA

CEIA

BOAS ALVIÇARAS

DÃO-SE as melhores alviçaras a quem tiver encontrado e queira entregar n'esta redacção, uma carteira, ha dias perdida entre as estações de Ovar a Lisboa, com dinheiro e documentos de valor, que só interessam ao seu dono.

CASA MEMORIA

ANTONIO JOSÉ ALVES

RUA DO VISCONDE DA LUZ

COIMBRA

Unico deposito das acreditadas machinas MEMORIA para alfaiate, sapateiro e costureira.

Vendas a prestações de 500 réis semanaes e a prompto pagamento com grandes descontos.

Estas bem conhecidas machinas teem obtido o melhor acolhimento do publico em geral, pela perfeição, solidez e boa execução no trabalho.

São incontestavelmente as melhores até hoje conhecidas.

Peças soltas para todas as machinas de costura e concertos das mesmas

VELOCIPEDES

Deposito de bi-cycletas *Clement*, *Diana* e outros auctores, as quaes se vendem a prestações e a prompto pagamento com grandes descontos.

INSTRUMENTOS MUSICOS

Pianos, instrumentos para philarmonicas e orchestras, guitarras, violões, violas, bandolins, harmonius, flautas, flautins, tambores, etc., tudo mais barato do que em Lisboa e Porto.

Campanhias electricas, promptas a collocar.

Grandes sortimento de oculos, lunetas e binoculos, por preços limitados.

Accessorios para machinas, velocipedes, instrumentos, etc.

Cordas para rebeca, viola, guitarra, violão e bandolim.

Os preços da nossa casa são, em tudo, mais limitados de que em Lisboa e Porto porisso pedimos ao publico que não compre em parte alguma sem primeiro se certificar do que offerecemos.

Todos os pedidos podem ser feitos á nossa casa em Coimbra, onde serão satisfeitos immediatamente.

Completo sortimento em oculos e lunetas, a preços sem competencia, e concertam-se os mesmos.

Concertam-se machinas de costura de todos os auctores com perfeição, restituindo-se a importancia quando se justifique não fiquem boas.

GRANDE FABRICA NACIONAL DE CARRUAGENS

ALMEIDA NAVARRO

RUA DA PALMA, 256

LISBOA

ESTA casa continua como sempre a construir trens de todos os systemas e com as mais modernas invenções referentes a esta industria. Tem actualmente para vender coupés, caleches, landaus, lauda netets, breachs, phaeton-tylbury, phaeton breack, etc. Apesar de já serem conhecidas as magnificas construcções que aqui se fazem, todos os carros são garantidos para maior segurança dos ex.^mos^ compradores.

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
POS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são ineficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pós de Keating.

SELLOS DE CORREIO!

Antigos e actuaes, de preferencia de Portugal e das Colonias, desejo compral-os e pago preços mais elevados do que qualquer outro; por exemplo—1853 D. Maria 100 réis, novo, bom exemplar, original, com gomma, pago réis 100$000!

OTTO MANGOLD-FRANCFURT AM

BETTINASTR, 35.—ALLEMANHA

FUNDIÇÃO DE FRADELLOS

DE

PRAÇA & FILHOS

PORTO

CONSTRUEM motores hydraulicos, coberturas metallicas, prensas para vinho e azeite, bombas e estanca-rios, portões e grades, linhas d'eixos e polias, columnas e tubos de ferro, guindastes e guinchos, motores para vento, reparações em machinismos e outras obras.

CENTRO COMMERCIAL E VELOCIPEDICO

43—RUA DA SOPHIA—45

COIMBRA

O proprietario d'este Centro, tem o prazer de communicar aos distinctos velocipedistas de Portugal, que acaba de tomar a representação da Bicyclete **Raleigh**, a que mais premios tem obtido no mundo. Esta Bicyclete, é d'uma construcção elegante e solida, reunindo os mais recentes aperfeiçoamentos até hoje conhecidos. E' veloz, suave, e d'uma elegancia admiravel.

Tambem ha um deposito enorme em bicycletes d'aluguer, as quaes aluga por horas, dias, ou mezes, havendo contractos especiaes em quaesquer dos casos.

Deposito de machinas de costura para familias, alfaiates, sapateiros, e correeiros. Deposito de pianos dos melhores auctores, para alugar e vender. Artigos electricos, oculos e lunetas.

Todos os artigos d'este Centro, são vendidos a prestações ou a prompto pagamento, á vontade dos dignos freguezes, devendo os contractos dos pianos serem liquidados em 36 mezes, bicycletes em 18 mezes, machinas a 500 réis semanaes. Os contractos n'este Centro são feitos com a maior lizura e sem juro de capital.

43—Rua da Sophia—45

COIMBRA

PROPRIETARIO E RESPONSAVEL

MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.